



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

Rede Hispano-Lusa e Futura Rede Europeia de Antigos Alunos do Ensino Superior.

De há seis anos a esta parte, Associações de Antigos Alunos e Amigos das Universidades Espanholas vêm realizando encontros, com vista à criação de uma Rede que integrará, no futuro, uma Rede Europeia de Antigos Alunos do Ensino Superior.

A Comissão promotora do VI Encontro convidou a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra (desconhecendo a existência das outras AAEC) a estar presente, tendo a nossa congénere solicitado a participação também das Associações do Porto e de Lisboa. Realizado em Huelva, de 8 a 10 de Maio, com a presença de autoridades académicas e civis espanholas, nele se expressou o objectivo da criação de uma Rede Hispano-Lusa de Antigos Alunos do Ensino Superior, propondo a AAEC em Coimbra a seguinte **Carta de Intenções**:

"As delegações das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra com sede em Coimbra, Porto e Lisboa acordaram com a Organização do 6º Encontro de Antigos Alunos de Universidades de Espanha:

1 - Constituir uma COMISSÃO INSTALADORA DE UMA REDE IBÉRICA DE ANTIGOS ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR. Cada Associação de Antigos Estudantes de Coimbra, com sede em Coimbra, Lisboa e Porto, designa, um elemento efectivo e um suplente para a Comissão, que será coordenada e presidida pela Associação com sede em Coimbra;

2 - O grupo de Antigos Estudantes de Coimbra designado vai contactar/sensibilizar as várias associações portuguesas de Antigos Estudantes do Ensino Superior (Universidades Públicas e Politécnicos), através dos Conselhos de Reitores e de Presidentes dos Politécnicos;

3 - O Grupo Português (Núcleo Inicial) propõe-se redigir um projecto de estatutos para a criação de uma Rede/Federação de Associações Portuguesas de Antigos Estudantes e vai trabalhar, em parceria directa e com carácter regular, com a Rede de Antigos Estudantes de Espanha, que designa também três elementos para constituírem, com o Grupo Português, a Comissão Instaladora da Associação HISPANO-LUSA DE ANTIGOS ALUNOS E A FUTURA REDE EUROPEIA;

*5 - Fica acordado entre os representantes de Espanha e Portugal promover acções de esclarecimento na comunicação social portuguesa, espanhola e europeia sobre as acções a desenvolver e os grandes objectivos das nossas Redes - a Ibérica e a Europeia. Estas acções de promoção devem implicar a importância do antigo estudante do ensino superior universitário no progresso de Portugal, de Espanha, da Europa e das suas Regiões aos mais diversos níveis; focar a solidariedade, como componente indispensável, e a necessidade de reforço da convivência intergeracional; a importância do Antigo Estudante do Ensino Superior como agente de promoção social, cultural e económica no panorama europeu; lembrar que a capacidade empreendedora e a criação de emprego devem ser objectivos especiais dos **jovens licenciados** e em seu favor, mas sem esquecer os problemas específicos dos **licenciados idosos**, possuidores de vasta experiência e apporto intelectual;*

6 - A Comissão Instaladora fica com sede em Coimbra e em Huelva, em simultâneo.

9 - Os subscritores/delegados ao I Encontro Hispano-Luso de Associações de Antigos Alunos só assinam esta Carta de Intenções após comunicarem aos parceiros espanhóis presentes no VI Encontro o seguinte: as votações da Comissão Instaladora são individuais e as deliberações tomadas por maioria de 2/3; mensalmente, deve ser colocado "on-line" um mapa de acções desenvolvidas e projectadas; de imediato devem-se desenvolver encontros regulares entre Associações, exploratórios de interesses comuns e conducentes ao reforço do espírito académico e da coesão social, económica e política da UNIÃO EUROPEIA."

No cumprimento das disposições assumidas em Huelva, a Delegação que ali se deslocou já se reuniu, em Coimbra, no dia 17 de Junho p.p., onde debateu alguns dos objectivos do ENCONTRO.

Trata-se de uma caminhada meritória, que, como é óbvio, só pode ser percorrida, com total legitimidade e representação dos Antigos Estudantes de Coimbra, pela **Federação das suas Associações**, em vias de constituição.

Sousa Moura

X ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

CONFRATERNIZAÇÃO COM A CASA DE GOA

É sempre especial a comemoração dos 10 anos de vida de uma instituição, mas este aniversário, mais uma vez festejado na *Delegação Regional do Instituto Português da Juventude*, no dia 23 de Março, teve uma particularidade que o torna inolvidável na nossa história associativa: o dar as mãos formal com a "*Casa de Goa*", através da assinatura de um protocolo que reza assim:

PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO

Entre:

1. A ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA, com sede na Rua António Pereira Carrilho, nº 5 - 1º, em Lisboa, adiante designada por AAECCL, e
2. A CASA DE GOA, com sede na Calçada do Livramento, nº 17, em Lisboa.

CONSIDERANDO QUE:

- ambas as Instituições são reconhecidas de utilidade pública e prosseguem objectivos estatutários de natureza cultural e de solidariedade social;
- nesta medida, encontram pontos de interesse comum, que podem ser melhor prosseguidos mediante acções em conjunto;
- a realização dessas acções permitem um convívio entre os respectivos Sócios, enriquecedor para ambas as partes, é assinado o presente Protocolo de Colaboração, de acordo com as Bases seguintes:

BASE I

As duas Associações signatárias propõem-se desenvolver formas de cooperação em matérias de interesse mútuo no âmbito cultural, nomeadamente:

1. realizar, se oportuno com a participação ou patrocínio de outras associações ou instituições vocacionadas para o efeito, programas ou eventos de natureza cultural, destinados aos seus associados, mas, em regra, e sempre que as condições de espaço e logísticas o permitam, abertos à comunidade em geral;
2. participar, em regime de reciprocidade, em eventos ou programas culturais que qualquer delas realize, mediante actuação de grupos (de cantares e danças, de fados de Coimbra, de palestras ou conferências, etc.).

BASE II

A colaboração aqui acordada abrange:

1. a disponibilização pela Casa de Goa da sua sala de conferências ou de outros espaços, para as realizações culturais promovidas em conjunto ou apenas pela AAECCL, tendo, neste caso, acesso também os associados da Casa de Goa;
2. a utilização pelos associados da AAECCL do Centro de Documentação e Biblioteca da Casa de Goa, enquanto veículos de divulgação e investigação da cultura luso-indiana e indiana;
3. a colaboração dos associados da AAECCL na Revista da Casa de Goa;
4. a organização de eventos recreativos de responsabilidade conjunta (como viagens, passeios, mostras de folclore, etc.).

BASE III

As Associações signatárias propõem-se realizar em conjunto reuniões de confraternização, nomeadamente em épocas festivas (Carnaval, Festa dos Santos Populares, Fim-de-Ano, etc.), disponibilizando a Casa de Goa, para o efeito, os seus espaços.

BASE IV

As duas Associações intentam realizar acções de solidariedade e apoio social, que deverão ser objecto de análise e opção por mútuo acordo.

BASE V

Este protocolo é livremente denunciável, no todo ou em parte, mediante pré-aviso de 30 dias.

Assinado:

Pela A.A.E.C.L

António de Almeida Santos

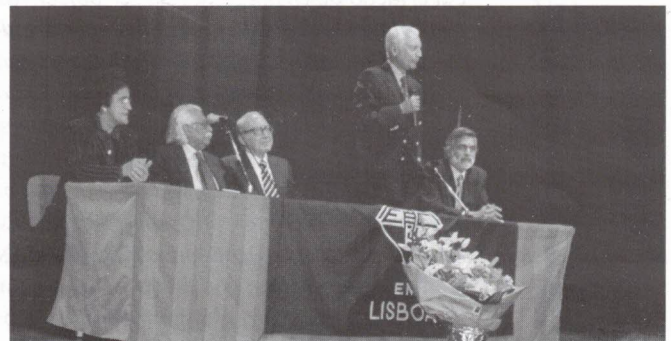
Maria de Fátima Leucastre

Pela Casa de Goa

Alfredo Bruto da Costa

Viterbo Rego

Lisboa, 23 de Março de 2002



Saudações do Presidente da Casa de Goa

Depois, além do condimento gastronómico, outros de cariz cultural, artístico e recreativo compuseram um **Sarau** aplaudido pelos 165 presentes: começando pelo duplamente apropriado "Auto da Índia", de Gil Vicente, representado por alunos da *Escola Profissional de Teatro de Cascais*, com a arte de actores consagrados; seguindo-se uma exibição pelo *Grupo EKVÁT da Casa de Goa*, de cantares e danças das suas terras, com trajes típicos, passos, vozes e sons musicais que a todos



O Grupo EKVÁT

encantaram, passando pela animada intervenção dos nossos jovens "Os Madre Christo", que já emparceiram, em palco, com os filhos (tão talentosos quanto eles...), para chegar ao momento da esperada palestra que o Dr. Orlando da Costa, conhecido escritor Goês e titular de diversos prémios literários, nos proferiu sobre a

DIÁSPORA GOESA

"Convidado pela Direcção da Casa de Goa a dizer algumas palavras neste encontro festivo que nos junta, também, numa formalidade séria e empenhada, que é a assinatura de um protocolo de colaboração com a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, nada obriga a que elas obedeçam às regras daquilo que se pode esperar de um discurso formal.

Gostaria de começar e terminar essas brevíssimas palavras por uma única palavra. Uma palavra, cuja raiz etimológica interessa menos do que a sua origem histórica e social, que traduz em ajustada medida a situação de muitos goeses, ou, melhor, das diversas comunidades goesas dispersas pelo

mundo.

Diáspora é a palavra. Palavra, para mim, de sonoridade bíblica e ressonância por vezes trágica, contém a humana dimensão que só a experiência vivida dos que saíram da sua terra natal, trocando-a por outra, dá a conhecer o sabor amargo e doce da nostalgia, a coragem e ambição de saber enfrentar novos horizontes, sem esquecer o passado - pois creio ser mais fácil renegar o passado do que esquecê-lo -, o passado que os acompanha como a sombra tutelar e inapagável das suas origens, sustentar a dignidade com que têm de assumir, no sucesso e no insucesso, a sua identidade tantas vezes ameaçada e recriá-la sem falsas humildades nem arrogâncias, para conquistar, numa tolerância recíproca - e, diga-se, é mais simples respeitar do que fazer-se respeitar -, conquistar, dizia eu, a compreensão e solidariedade da sociedade ou grupos sociais dos novos países de acolhimento, a que, talvez, nunca possam vir a chamar, verdadeiramente, pátria.

"Pode dizer-se que tivemos a nossa terra, mas não tivemos a nossa pátria", escrevi eu, em Janeiro de 1998, no prefácio à obra, recentemente reeditada, de Adeodato Barreto - o nosso poeta, como podem chamá-lo todos os goeses lusófonos. Tratou-se, para mim, de uma espécie de homenagem pessoal que há muito lhe devia, quase em tom de diálogo, de escritor para escritor, diálogo, porém, impossível, porque ele morreu aos 32 anos de idade, tinha eu apenas 8, diálogo que teria sido mais do que desejável, se o acaso não tivesse marcado esse desencontro histórico.

E, no entanto, algo de comum nos ligaria. Crescemos na mesma rua, em Margão, concelho de Salcete, Goa, ele na sua casa dos avós maternos, eu na dos paternos, que é ainda casa minha e do meu irmão.

Tal como ele vinte e quatro anos antes o fizera, também eu, um dia, parti - um e outro aos dezoito anos de idade, deixando para trás, não indiferentes, as lembranças da infância e os fervores da adolescência, mas acompanhados pela sombra iluminada de um ideal e a vocação literária da escrita na língua que viria a ser da nossa adopção - o português. Emigrantes privilegiados porque vínhamos estudar cursos superiores na Metrópole, ele apeou-se em Coimbra, onde com os goeses Telo de Mascarenhas e José Teles fundou o jornal "Índia Nova", foi colaborador e animador do Instituto

Indiano, inicia a publicação das edições "Swata" e colabora na Universidade Livre de Coimbra, tendo sido presidente do Centro Republicano Académico, ao mesmo tempo que se formava pela Faculdade de Direito e Letras - enquanto eu desembarcaria em Lisboa, apesar de Coimbra, desde sempre e ainda na minha adolescência, ser a capital do imaginário de tantos estudantes de Goa ansiosos por se tornarem bacharéis. Era a Coimbra do "In illo Tempore" de Trindade Coelho, a Coimbra das tricanas, dos fados e guitarradas, das praxes estudiantis, da capa e batina.

Falei em emigrantes privilegiados, como antes me tinha referido a goeses lusófonos. É verdade.

Desde que me conheço, centenas de goeses, sobretudo cristãos, deixavam regularmente, em pleno período colonial, as terras de Goa, o nosso chão, num fluxo migratório flutuante, típico de quem, com baixa escolaridade, procura melhores condições de vida, aforrando um pecúlio que retornava às aldeias da terra natal, ao mesmo tempo que outros, representantes de uma classe média mais favorecida, seguiam o mesmo caminho em busca de um futuro melhor, em que o conhecimento da língua inglesa, aprendida em Goa, em estabelecimentos de ensino inglês, as High Schools oficialmente reconhecidas, lhes permitia que prosseguissem os seus estudos até à formatura universitária na Índia então britânica, que distava de Goa umas escassas horas de comboio ou de barco de navegação costeira. Era uma fronteira que talvez não chegasse a sê-lo.

Sumariamente, diria, pois, que a diáspora de Goa começou no próprio território do sub-continente indiano para se alargar na travessia do Índico até à costa oriental do continente africano, do Kénia a Moçambique, a mais próxima colónia onde estava içada a bandeira do mesmo colonizador - Portugal. Entretanto, com o decorrer dos anos, os goeses necessitados, já há muito conscientes de estarem situados na periferia longínqua de um Império, se não pouco interessado pelo menos distraído, descobriram, a meio caminho de todos os destinos salvadores, o eldorado do Golfo - os emirados árabes, onde aprenderam em pouco tempo os novos parâmetros culturais da civilização consumista do petrodollar.

Hoje, muitos milhares de goeses, exercendo as

mais diversas profissões, das mais humildes às mais graduadas, constituem a nossa diáspora, espalhada e estabelecida de África aos Estados Unidos da América e Canadá, sem falar no Brasil e em vários países europeus, onde existem núcleos mais ou menos numerosos, em que, na confrontação entre lusofonia e anglofonia, julgo ainda subsistir - digo-o mais como um forte e sincero desejo de que assim seja, do que com a convicção de quem está orgulhosa e absolutamente seguro - o sentimento de ser goês.

Uma coisa, porém, é certa: é que de toda esta amplidão geográfica, sócio-culturalmente tão rica como perturbadora, Portugal será certamente o centro de estabilidade dessa diáspora, porque Goa e a sua população - cristãos, hindus e muçulmanos, ligados entre si pela sua língua-mãe, o Concanim - aqui convém esclarecer que os cristãos, ao contrário do que muita gente pensa, representavam e representam um segmento minoritário face aos hindus - experimentaria um dos fenómenos de aculturação mais singulares conhecidos no mundo ao longo de séculos de uma colonização em que a Europa deteve nas suas mãos as rédeas do expansionismo e da exploração das suas colónias, cujas riquezas naturais e recursos humanos geraram sem contrapartidas justas as jóias das suas coroas, mesmo republicanas.

Não vou falar aqui dos atropelos, perseguições e submissão que valores culturais e tradições autóctones sofreram, mas não devo omitir o que o poder político no exercício da sua colonização deveu à acção da Igreja que, para o bem e para o mal, da evangelização missionária à cristianização forçada, foram os agentes de um modelo de europeização que caracteriza a sociedade goesa e a distingue das restantes sociedades da Índia.

Interessa-me, sim, hoje e aqui, salientar - como uma vez já disse - aquilo a que "com a tranquilidade crítica (e porque não amistosa) que a filosofia do tempo nos conferiu, podemos chamar de modo edificante encontro de culturas". E mais ainda, lembrar que no decurso dos tempos, no plano dos direitos humanos partilháveis, nós goeses como os portugueses da Metrópole sofremos, outrora, a abençoada frieza inflamada da Inquisição e, como eles, mais recentemente, sofremos a dureza, no mínimo humilhante,

das algemas e as imposições almofadadas da morada da ditadura do Estado Novo.

A hipocrisia das falsas liberdades irmanaram os indianos de Goa e os portugueses de Portugal. Os antigos colonizados encontraram, abertas e acolhedoras, as portas da casa grande do colonizador ou então souberam abri-las e ser bem acolhidos.

Se as diásporas são focos de agregação étnica e de irradiação de culturas próprias, se se fecham sobre si elas degeneram no seio do seu próprio isolamento, resvalando num progressivo empobrecimento da sua identidade. Pelo contrário, a sua abertura a outras culturas e sensibilidades, num clima saudável de convívio e intercâmbio de mentalidades, ajuda a alargar globalmente o horizonte dos vivos, dando mais vida ao que existe de mais específico em cada um de nós, individual e colectivamente, afastando os perigos da sua descaracterização.

A multiculturalidade, para além de ser por si só um valor de enriquecimento mútuo, potenciador da criatividade em todos os domínios, desde o artístico ao científico, é, como disse no seu discurso de inauguração das novas instalações da Casa de Goa o seu presidente, Engenheiro Alfredo Bruto da Costa, um factor de entendimento entre os povos.

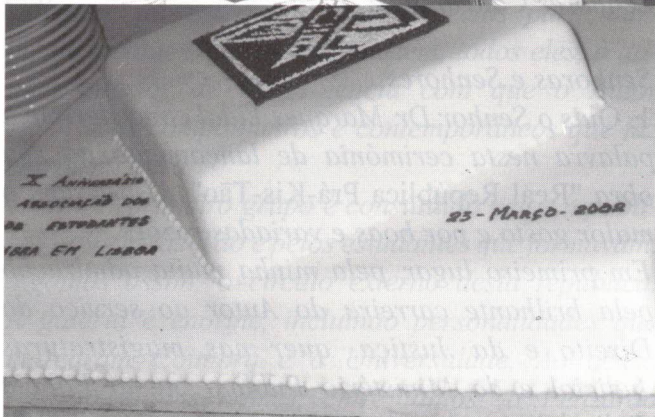
Goa é hoje um dos vinte e cinco estados da Índia, o último a integrar um imenso e complexo país, que é a maior democracia do mundo. O povo de Goa tem parte dos seus destinos nas mãos - o político, o económico, o cultural - e terá de saber defender sem conflitualidades desnecessárias a sua identidade própria e os seus interesses. E Goa conta com todos os seus filhos, descendentes de várias gerações, para a preservação e difusão de um património rico e inconfundível, com respeito e dignidade, porque nós somos como que o seu prolongamento, e, em Portugal, parte importante da sua diáspora."

No final, cantores da canção goesa e da coimbrã entoaram, em unísono, algumas canções, numa simbiose inédita, reveladora da solidariedade (também musical) que nos unia a todos, tendo o "Grupo Porta Férrea" oferecido aos presentes a esperada *Serenata de Coimbra*.



O Grupo "Porta Férrea"

Os parabéns à Associação foram cantados em *con-cani* pelos nossos náveis parceiros, em redor de um monumental e saboroso bolo de aniversário.



O aniversário em grande ...

Assim registámos uma década de existência como Associação autónoma.

Que o espírito académico e a adesão de todos continuem a animar "os voluntários", para que a nossa Associação continue a festejar os seus aniversários, ao menos, com a mesma participação e alegria.

A Direcção

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

1. REAL REPÚBLICA DO PRÁ-KIS-TÃO

A primeira deste ano ocorreu no dia 21 de Fevereiro, tão concorrida que ficaram obstruídos o Salão, salas e corredor da nossa Sede (estimaram-se 130 participantes).

O tema, livro do nosso Sócio José Marques Vidal *"Real República do PRÁ-KIS-TÃO (Memórias de Coimbra)"* foi, assim, apresentado pelo Prof. Doutor Barbosa de Melo:

"Senhor Vice-Presidente da Assembleia Geral e senhora Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, (1)

Senhor Conselheiro José Marques Vidal,

Senhor Dr. José Manuel Ferreira, em representação da Hugin Editores,

Senhor Conselheiro Manuel Maria Duarte Soares, em representação do Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça,

Companheiros da "Alma Mater Conimbricensis"

Senhores Convidados,

Senhoras e Senhores:

1. Quis o Senhor Dr. Marques Vidal conceder-me a palavra nesta cerimónia de lançamento da sua obra "Real República Prá-Kis-Tão". Uso-a com o maior gosto e por boas e variadas razões.

Em primeiro lugar, pela minha muita admiração pela brilhante carreira do Autor ao serviço do Direito e da Justiça, quer nas magistraturas Judicial e do Ministério Público ou na Polícia Judiciária, onde exerceu com distinção os mais altos cargos e funções, quer, mais tarde, em representação de Portugal nas instituições europeias de combate à criminalidade transnacional e para defesa da segurança e tranquilidade dos cidadãos europeus.

Depois, pela grata reminiscência daquele início do ano lectivo de 1954-55, em que o quintanista Marques Vidal, a cirandar frequentemente de fitas pela Porta Férrea e pelo "Largo da Peneira", se

tornava fonte da maior inquietação para a caloirada, e algumas vezes desafiou o meu engenho na manobra de me esgueirar da vista do temível "Prá"; a fim de não me ver enredado na sua lenda negra; e também pela lembrança que guardo de uma ocasional troca de palavras, indo o ano mais adiantado, com esse quintanista inteligente e bem humorado.

Em terceiro lugar, pelo convívio que entre nós se intensificou quando vim fazer parte do círculo dos coimbrões mais ou menos exilados em Lisboa por força da política ou da profissão e pude apreciar regularmente, ao vivo ou através da leitura dos seus artigos na imprensa, a perspicácia de Marques Vidal na análise das situações políticas e na apreciação, certa e corajosa, das falhas e sucessos dos seus protagonistas.

Por fim, pelas belas "Estórias" bem caçadas, que há pouco editou, em prosa viva e escorreita, retratando, com leveza e colorido, o ambiente das caçadas de há cinquenta anos. Marques Vidal, aí, faz-nos passar diante dos olhos figuras típicas, companheiros interessantes, lances bem divertidos, serras e matas cheias de beleza, ironias ao tiro certo ou ao tiro falhado, prosápias, invenções e exageros de caça, o engenho dos cães e as gabarolices dos seus donos, a relação quase fraterna entre cães e caçadores...sei lá! Marques Vidal transmite-nos, sobretudo, uma imensa ternura pelos seus companheiros, uma visível admiração pelas suas originalidades e até pelos seus dotes cinegéticos, em particular pelos de um irmão (que reconhece, vejam lá, ser melhor atirador do que ele. Para caçador!...). É, em suma, um livro com lugar próprio na tradição literária portuguesa sobre temas de caça. Pelo menos, está nele esboçada com fidelidade, boa prosa e fino humor a maneira como no Centro e Norte de Portugal se praticava a arte de Santo Humberto em meados do Século XX. Eis quatro das muitas razões por que o convite para falar no acto de lançamento de um outro livro de Marques Vidal foi para mim motivo do maior gosto e honra. A verdade é que parti para a leitura da obra com grandes expectativas e, digo-o desde já, não fiquei desiludido. Pelo contrário. Além da honra, tive, pois, também o proveito da sua leitura. Parabéns. Muito obrigado!

I

Um testemunho sobre a academia coimbrã

2. No "intróito" do livro Marques Vidal confessa a sua intenção de "dar testemunho de uma época e de uma maneira de estar na vida académica onde as diferenças religiosas e ideológicas abatiam bandeiras".

A evocação da história da "Real República Prá-Kis-Tão", de que Marques Vidal foi um dos fundadores, não esconde o propósito de exaltar o "clima de liberdade e de tolerância" que se vivia nesta e noutras "repúblicas" de Coimbra. Para o sublinhar o Autor faz passar subtilmente diante dos olhos do leitor uma impressionante galeria de celebridades que, no seu tempo, marcaram presença na Prá-Kis-Tão: escritores como José Lins do Rego, governantes e políticos como o Presidente do Brasil Café Filho, Sarmiento Rodrigues ou Vasco da Gama Fernandes; músicos como Guilherme Lasso, cantores como Luís Góis ou Zeca Afonso, vedetas como Carmen Miranda ou Alzirinha Camargo, etc...

E logrou dar corpo com mestria ao seu intento originário. Ao concluir a leitura do "Epílogo", julguei que o Autor ia terminar dizendo, como o matemático no termo do seu raciocínio, "quod erat demonstrandum".

3. Entre o intróito e o epílogo perfilam-se 41 números ou capítulos recheados de personagens, de episódios ora sérios, ora jocosos ou rocambolosos, de mil acontecimentos e coisas relacionados com a Real República Prá-Kis-Tão e, em geral, com a vida nas "repúblicas" da Coimbra dos anos cinquenta.

As instituições e praxes académicas mais importantes, por isto ou por aquilo, vão entrando, uma a uma, em cena ao longo do livro, sempre olhadas com certo distanciamento e espírito coloridamente divertido. Assim, a praxe de estudantes e professores, nas suas múltiplas expressões - o caloiro, a mobilização, o julgamento, a tourada; assim, as libações, noitadas e festas: ceatas à custa das capoeiras da vizinhança mal apercebida, centenários, latadas, tomadas da bastilha, queimas das fitas; assim, as discussões pela noite fora sobre questões, temas ou pretextos, dir-se-ia hoje, trans-disciplinares ou multiculturais, que se prolongavam para além de todos os limites, como se o imperativo da busca da "verdade" fosse kantianamente absoluto e inadiável; assim, a "Briosa" e os estudantes à conquista de Lisboa em demanda da Taça de Portugal e a decepção a final, sofrida; assim, as angústias vividas no tempo de preparação para o exame e os apertos diante do fantasma da perda do

ano; assim, a formação do Conselho das Repúblicas e a acentuação da influência que exerceria, depois, na evolução política da academia; etc., etc., etc.

De tudo isto e de muito mais encontrará o leitor abundantes testemunhos ao longo destes 41 números ou capítulos. É quase sempre a "Coimbra das repúblicas" que por aqui aparece e estancia. Ao lado dela e com ela viviam nesse período histórico - intensamente também, mas diferentemente - outras "Coimbras": os círculos dos estudantes que, residindo em casas particulares ou em lares, se integravam nos organismos culturais (no Orfeon, na Tuna, no Coral da Faculdade de Letras, no TEUC), nos organismos desportivos, na associação dos estudantes católicos Centro Académico de Democracia Cristã (CADC), na Juventude Universitária Católica Feminina (JUCF) ou na Associação Cristã da Mocidade (ACM) - ou os que apenas se integravam nos grandes espaços do Pátio da Universidade, da Baixa e da Praça da República - sítios de encontro geral, conforme as horas, os dias ou as estações, dos académicos em todas as gerações. Ao falar da participação na vida académica deste período, não posso deixar de recordar o facto, hoje surpreendente, de então as mulheres terem reduzidíssima presença em qualquer dos espaços públicos não escolares.

II

Um testemunho de amizade

4. No estupendo recheio do livro gostaria de salientar, para terminar, três aspectos particularmente tocantes, que se reconduzem, todos eles, à atitude interior de benevolência com que o Autor envolve os companheiros e contemporâneos que faz entrar na obra.

1º - O primeiro grupo é constituído pelos repúblicos da Prá-Kis-Tão e pelos estudantes que formavam, digamos assim, o círculo externo desta república. A galeria é enorme, incluindo personalidades que marcaram Coimbra e a Universidade. Ao acaso recordo alguns nomes, entre tantos: o Felizardo Pinto, o Galguinhas, o Pires dos Santos, o Afonso Caveiro, o poeta e filósofo Víctor Matos, o Luís Tinoco (morto na guerra da Guiné), o Domingos Ponte (que viria a ser meu colega de curso e morreria pouco depois de se formar) e o Rebordão. O que deles diz o Autor, ou o que deles conta, define-lhes, a traço fino, o carácter e envolve-os num véu, cativante e recompensador, de admiração e respeito.

2º - O mesmo se pode dizer das personagens que, não fazendo parte do mundo académico, o Autor

trata com idêntico carinho. São disso exemplo, para me limitar a dois, o Abelha, gerente do Nicola, que acumulava com esta a função de servir os jantares na Reitoria da Universidade e sabia "encaixar" as partidas dos estudantes, e o rústico e ingénuo António da Venda, taberneiro de Pedações, levado no embuste revolucionário em que os rapazes, um tanto cruamente, o meteram.

3º - Não posso deixar de mencionar as referências aos professores da Faculdade de Direito, a que é dedicado o último número ou capítulo da obra - referências essas naturais para um Autor que, como Marques Vidal, foi aluno destacado desta Faculdade. Passam aí, enredados nas lendas que as sucessivas gerações foram tecendo à volta de cada um, Manuel de Andrade, Carlos Moreira, Pires de Lima, Teixeira Ribeiro, Ferrer Correia, Braga da Cruz, Eduardo Correia, Afonso Queiró e Antunes Varela. Todos eles, aliás, também foram meus professores. Vistos naturalmente na perspectiva dos alunos, os retratos, no geral, são objectivos e, a essa luz, simpáticos. Escreve o Autor: "a Faculdade de Direito possuía ao tempo uma plêiade de professores que impunha respeito pelo saber e, na óptica dos que lhes sofreram os chumbos, pela ferocidade". A sua apreciação, salvo um ou outro exagero caricatural, é justa, perspicaz e delicada.

III

A nostalgia do tempo

5. O autor queixa-se com alguma amargura da geração dos repúblicos da Prá-Kis-Tão dos inícios da década de setenta. Eles não foram capazes de compreender a mensagem, de que a geração fundadora deixou sinais visíveis, tanto da fraterna convivência entre católicos e ateus, monárquicos e republicanos, marxistas e liberais, como do "amor à liberdade" e da "cultura da tolerância no respeito pelas ideias dos outros, que são as balizas mestras da democracia", os quais deviam marcar a vida da república.

Ao ler este passo veio-me à memória Miguel Torga. Algures no "Diário", se não erro, sugere o poeta de "A criação do Mundo" que quem se forma em Coimbra e aí fica a viver sente mais drasticamente a erosão do tempo, vendo, ano a ano, morrer um pouco de si ao confrontar-se com a geração académica chegada de novo à Universidade e à cidade. É, digo-o eu, uma morte aos poucos que, paradoxalmente, nos vai adaptando à vida e às gerações que passam. O facto é que a década de sessenta mostrou em directo, a quem residia em Coimbra, uma formidável

alteração da atitude geral dos estudantes perante a Universidade e a vida pública: a perspectiva de ir para a guerra no fim do curso foi, decerto, a causa determinante desta radical mudança. As crises académicas da década parecem-me, antes de mais, um fruto natural desse terrível fantasma e a expressão pública dessa crescente angústia existencial. Aqui residirá a mais segura explicação dos desvarios epocais que também atingiram a Real República Prá-Kis-Tão e foram causa de algumas das desgraças que caíram então sobre muitos portugueses.

Só que explicar não é justificar, claro está. Por isso, é compreensível a indignação de Marques Vidal para com os estudantes que, então, não entenderam a saga da Real República Prá-Kis-Tão e a cultura e a ética democráticas a que o espírito fundador a ligara. Mas esses e outros desacertos, característicos dos finais da década de sessenta e da seguinte, foram há muito superados e a Academia de Coimbra prossegue hoje, renovada, a sua antiga história de irreverência, de invenção e de liberdade.

Muito obrigado.

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, 21.02.02."

(1) Respectivamente, Conselheiro Dr. João Chichorro Rodrigues e Dra. Fátima Lencastre.

Seguiu-se a adequada Serenata de Coimbra e um beberete que, milagrosamente, chegou para todos os que se acercaram da mesa...

2. EM TEMPO IMPERFEITO

No dia 18 de Abril, a nossa Sede voltou a regurgitar de Colegas e Amigos para conhecerem o livro do também coimbrão António dos Santos e Silva *Em Tempo Imperfeito*, apresentado pela Dr^a Elsa Rodrigues dos Santos, Presidente da Sociedade da Língua Portuguesa, nestes brilhantes termos:

"António Santos e Silva, autor de vários livros de poesia, fazendo um percurso pela prosa com obras que ele define como sendo "de evocação", caso de "Figueira da Minha Infância" e "Zeca Afonso Antes do Mito", impõe-se igualmente como contista com os livros "Coração em Hardware" e "Em Tempo Imperfeito".

Aliás, esta vocação para a narrativa curta e concentrada num núcleo diegético, divagando pela memória, através de acontecimentos onde a ficção se confunde com o real ou o real se torna ficção, pela arte de fabular, vem exactamente das obras em que evoca a sua infância nas praias da Figueira da Foz

ou o seu contacto com o grande amigo e camarada Zeca Afonso.

Neste último livro, evocando um tempo anterior ao mito, isto é, anterior à imagem da portugalidade que se desenvolve num tempo de resistência de que Zeca Afonso se tornou um símbolo, Santos e Silva recua aos tempos de Coimbra, das serenatas às donzelas enamoradas, das brincadeiras de estudantes, dos acontecimentos insólitos, enfim, de um Zeca rapaz com a sua timidez e fragilidade, mas com o talento e a generosidade a explodirem-lhe da alma.

Deste modo, a crónica de evocação, inscrevendo-se no universo e na linguagem dos afectos, vai determinar um estilo e tornar-se exercício metalinguístico que se projecta na sua última fase de ficcionista, como autor de contos.

Um livro de contos, sendo cada um deles unidiegético, no seu conjunto, porém, encerra uma variedade de acções e de tipos de personagens que permitem dar uma visão panorâmica plural de um determinado universo e, por outro lado, contém uma unidade representativa. Podemos verificar isso em Miguel Torga n' "Os Contos da Montanha", n' "Os Novos Contos da Montanha" ou n' "Os Bichos", em que o genial escritor retrata um povo, sobretudo, o rural, espelho do país, e incomoda quem o governa com as suas histórias significativas de uma época de obscurantismo e de pobreza a todos os níveis.

Santos e Silva, neste livro, constituído por doze contos, situando-o entre Coimbra, Porto e Bragança, põe logo o autor de sobreaviso ao intitulá-lo "Em Tempo Imperfeito".

O leitor, à partida interroga se se trata de "imperfeito" com a conotação mais moderna de "incorrec-to", "mal feito", onde as personagens se movem em comportamentos pouco éticos, com as suas fraquezas e num contexto carregado de sombras, ou com o seu sentido etimológico de "incluso", "inacabado", onde as coisas se iniciam e permanecem ambíguas, flu-tuando na incerteza, na dúvida, num futuro incerto de esperança, ou com ambas acepções. Adjectivo este que, aplicado ao substantivo "tempo" que por si só já tem um conceito fluido, remete-nos para a leitura de cada um dos contos com a intenção de descobrir sentidos que se vão somando para a análise de um determinado espaço e de um tempo a que o autor adjecti-va de imperfeito.

No primeiro conto, "**Reunião de Curso**", o espaço situa-se numa reunião de curso no Porto. O sujeito da acção irá ao jantar de curso dos 35 anos de formatu-

ra, onde vai rever caras, tomar conhecimento da morte de muitos colegas e encontrar sentido no que já vai longe na memória, tentando reencontrar-se, isto é, como diz o autor, "esses poucos importantes instantes apareciam-lhe agora sempre ligados àquela indefinível sede de encontrar e de ser encontrado que sempre o habitara.". Entre discursatas saudosistas e rostos esfumados pelo tempo, ficará, no entanto, uma espécie de vazio. Vazio que ele ainda pretende preencher. Dirige-se, assim, ao Café Paris, onde costumava estudar. Ao entrar (e cito) "uma recordação muito intensa e um pouco dolorida. (...) começou a subir-lhe lá do fundo, como perfume dum velho frasco desrolhado". E a imagem e o nome de Mariazinha corporizam-se num passado que, de repente, se actualiza. O narrador interroga-se se seria "a mão subconsciente que o trouxera ali?". Ou, perguntamos nós, se seria antes o desejo de agarrar um tempo que se lhe escoava pelos dedos?

Recorda, então, a paixão que tivera por Mariazinha, a menina que vendia tabaco no quiosque do café. Paixão que se diluíra, por uma série de desvios e equívocos e o que poderia ter sido foi outro destino. Agora ali estava, procurando por ela ao criado. E, como 35 anos antes, ela ali continuava no seu posto, no quiosque, na sua rotina de trabalho, como se o tempo tivesse parado.

Depois, o reconhecimento, o reencontro, um convite para jantar e o deslindar dos equívocos. Ele conta-lhe que um dia estivera prestes a confessar-lhe o seu amor, se não fosse um imponderável. Ela responde-lhe que era bom ter sido amada. Depois, as despedidas e a vida continuara. Ficara apenas a recordação de um dos poucos momentos significativos da sua vida. Seria isso talvez o tal tempo imperfeito, onde os sentimentos não se haviam concretizado, esboroando-se nos declives da vida. Assim, o imponderável, a indefinição, a incompletude que caracterizam este primeiro conto funcionam como uma espécie de "mise en abîme" para os restantes contos, determinando um estilo e uma linha temática.

O segundo conto, "**A Beata**", com a mesma técnica de reunir retalhos do quotidiano como um puzzle que se encaixa, é a figura da velha Conceição, mulher religiosa que encontra o seu sentido apenas na igreja e cujo percurso de vida surge em analepse, isto é, em recuo no tempo. Conceição menina, no seu vestido branco da primeira comunhão, mais tarde no vestido branco do casamento, depois a filha Luisinha que vem a ter um bebé ainda na idade dos sonhos e sem a

bênção nupcial, enfim, uma vida rotineira com alguns sobressaltos, colmatados pela fé da sua beatitude.

A história do preto "**Laurindo**" (3º conto) realça igualmente a mesma insatisfação e o sentimento de perda. Laurindo que viera de África com os seus patrões fora feliz naquela Quinta das Cruzes, ao pé do Cortiçal. Depois os patrões morreram e ele ficara à mercê dos novos senhores e da sua velhice. Um dia, não aguentando mais ser desprezado, partira. Agora palmilhara quilómetros a pé em busca das recordações, do velho cão, talvez o único elo a ligá-lo ao passado, mas com a notícia de que ele havia morrido, Laurindo volta costas à Quinta definitivamente e desce a encosta por qualquer caminho.

Este deambular na incerteza do futuro e no esfumar do passado, vai preenchendo os outros contos.

"**O primeiro amor**" insere-se igualmente na sensação de insegurança perante o outro, no desabrochar da vida sentimental e da sexualidade, numa idade em que os medos, as dívidas, a hesitação atormentam o adolescente.

No conto, "**O Senhor Serafim**", a personagem, cujo nome lhe deu o título, enviuvara. Tempo depois, ele leva Zezita para cuidar da casa e acaba por se envolver com ela numa intimidade cujo erotismo encontrava eco na própria força cósmica (e cito) "do Sol, no poente, inchado como um balão vermelho". Procurava, deste modo, nessa bela mocetona, a juventude que lhe faltava ou o tempo que se lhe escapava.

Em "**O Cão Danado**", é o registo autobiográfico, em 1ª pessoa, que tem como subtítulo "**Uma História do Meu Avô**". História surreal que o narrador ouvira contar ao avô, um conceituado comerciante de azeites e de cereais do princípio do século, magistralmente narrada, onde o mistério, o transnatural, o terror, a luta contra as forças do mal, se misturam para enunciar um tempo fabuloso.

Em "**Empreiteiro**", talvez a narrativa mais elaborada, em que as sequências se desenvolvem quer por analepse, quer por introdução de variadas personagens ou de factos, os sentimentos do amor ou do desamor vão condicionar a personagem Zé Pereira, empreiteiro bem posicionado, homem de dinheiro e de negócios. O casamento, os filhos, a amante, a descoberta da traição, o divórcio imposto pela mulher, as partilhas, o tribunal e a actual ligação vão-se sucedendo como marca burguesa no percurso da ascensão social e económica da personagem.

Zé Pereira vai passar o fim de semana com Luísa a uma luxuosa pousada em Bragança, onde o espera o

seu advogado, Dr. Brochado, com quem tem assuntos a tratar. Depois do almoço, quando o advogado se recolhe para rever as alegações e a mulher se afunda numa poltrona a ler revistas, ele resolve ir à aldeia que fica a uns 50 Km dali, para visitar a mãe. Tal como em "Reunião de Curso" (1º conto), a personagem tem a urgente necessidade de recorrer às raízes e é, com efeito, aí, na casa da infância, junto à mãe, sentado à lareira, que ele medita e procura reencontrar-se, sentindo (e cito) "a imprecisa consciência dum vazio dentro de si, a difusa intuição (um leve arranhar por dentro...) de que a vida devia ter outro entendimento."

A mesma frustração se vai tecendo em personagens como João Cabreiro e a Benvinda do Francês, epíteto herdado de uma antepassada violada por um soldado francês, no tempo das invasões francesas. Ora quando tudo se encaminhava para a declaração de amor de João, que a sua inibição lhe tinha tolhido e para o entendimento entre os dois jovens, estoura como uma bomba a doença inesperada de Benvinda. João vai visitá-la ao hospital, mas ela dorme e ele aguarda. Finalmente, acaba a hora da visita e mandam-no embora, quando, no último instante, ela abre os olhos, mas já é tarde. João era arrastado para fora, "como um tronco de enxurrada".

Esta incomunicabilidade contagia-se às personagens dos restantes contos, distanciando-as.

Em "**A Visita do Velho Amigo**", surge o subtil conflito de gerações, como, mais adiante, o pragmatismo em desfavor da profundidade dos sentimentos. Evidencia-se a diferença de gostos literários entre o pai e o filho, tratando-se duma família de elevado estatuto social e cultural. O filho aprecia mais Fernando Pessoa que Teixeira de Pascoaes, que o jovem considera um poeta "chato", "o tipo do saudosismo lusitano", enquanto o pai o cita como "o poeta das essências puras e das iluminações intemporais". Uma velha querela que não deixa de marcar o gosto do próprio autor e que vem ao encontro da linha ideológica dos contos, traçando exactamente a via da sentimentalidade e do que se oculta nas tais essências puras.

O pai, o velho Dr. Rocha, recorda, com as lágrimas nos olhos, a ida de Pascoaes a Coimbra a convite da Queima das Fitas. Ele lá fora, já muito velho, arrancado do seu Marão e, quando os estudantes fizeram alas para ele passar sobre as capas, quis fazê-lo de joelhos.

Dr. Rocha, rejubilando com a visita anunciada de um

colega que passaria lá pela terra para o visitar, vai ser; mais uma vez, com o sabor da desilusão, que a personagem verificará que o amigo virá procurá-lo, não para rememorem os seus velhos tempos de Coimbra, partilhando em uníssono com ele da mesma saudade, que o não fará, por exemplo, em relação à lembrança do citado episódio de Teixeira de Pascoaes que ele minimiza, mas por interesses políticos, com os quais ele decidirá não colaborar, porque isso "era matar de vez o Velho do Marão".

E nos dois contos que se seguem, "**O Juramento**" e "**O Engate**", a mesma insatisfação, o mesmo desajuste no tempo e na área do sentir, a mesma indefinição, desencanto de almas, de sensibilidades. No entanto, há algo de diferente como que uma recuperação quer da esperança, quer da ética.

Em "**Juramento**", a história é apresentada como verídica, e em 1ª pessoa, em que o narrador autodiegético se confunde com a personagem, intensificando o carácter real. É narrada a visita inesperada de um jovem, de nome Francisco, a casa do narrador, o doutor António José Silveira Duarte. Ele entrega, à porta, à empregada, à semelhança de um cartão de visita, metade de uma nota de 20\$00, em que no seu verso estava escrito "amigos até à morte" e assinado "António" e, sobre este, uma mancha de sangue.

A visita é de Francisco, sobrinho do seu maior amigo de infância, falecido muito precocemente. E as recordações vieram em catadupa. Lembrava-se do dia em que ambos tinham assinado sobre uma velha nota de 20\$00 o juramento de sangue de uma amizade eterna. Pouco tempo depois esse rapaz morrerá.

O doutor fica extremamente comovido por este reencontro com o passado e com Francisco, pela sensibilidade que revelava ao proporcionar-lhe este regresso à adolescência. Afinal, ele fazia-o por interesse, aproveitando-se dos factos e dos afectos, para pedir dinheiro emprestado. Oitenta contos, com a desculpa da necessidade de pagar o arranjo do carro. Dias depois, vem pedir-lhe mais vinte e é a mulher que o alerta que o rapaz quer o dinheiro para a droga. Mais uma desilusão, mas aberto o jogo, Francisco confessa dolorosamente a verdade. E o doutor compadece-se e decide ajudá-lo a recuperar. O rapaz aceita e nos seus olhos mortiços surge uma luz que não é mais do que um lampejo de esperança que cala bem fundo na alma do doutor que compreende que, em nome da amizade antiga, ela não poderia ser atraída.

Da mesma forma, em "**O Engate**", as lágrimas finais do camionista que se queria servir da prostituta de

estrada que, entretanto ao sair do veículo, é apanhada por um carro que a atropela e foge, são uma espécie de redenção daquele homem que até aí via o sexo comprado como acto natural da sua vida.

E, finalmente o último conto, "**Natal**" que culmina numa justificação de todos os outros, como uma oração que se reza para purificação da alma, em que a contrapor a um tempo imperfeito poderá haver um tempo perfeito, de amor, de paz e de justiça, simbolizado pela imagem divina do Menino Jesus de braços abertos para aquele viúvo idoso que come a sua ceia de Natal sozinho, e também para todos aqueles que desconhecem a fronteira entre o bem e o mal ou são condicionados por um quase, ou pela própria incapacidade de serem felizes.

Servindo por um belo texto, dentro de uma sábia arte de construir personagens e factos, este livro de Santos e Silva constitui-se em artefacto e em justificável pretexto para o lermos e viajarmos por esse Portugal fora entre o Mondego, o Douro e o Minho e nos revermos nas nossas próprias memórias."



A abertura da sessão pela Presidente



O Grupo "Porta Férrea"

No final, poemas do Carlos Carranca, música do Carlos Couceiro e voz do Luiz Goes.

Um pequeno beberete reconfortou fisicamente (só o que faltava...) os presentes.

CONVERSAS QUINZENAIS

Recomeçámos as "Conversas Quinzenais" em **23 de Janeiro**, e da melhor forma possível, pois foi Augusto Camacho Vieira que nos deu o prazer de as reiniciar com o tema "*Ossos de Ofício*". Falou-nos, depois de se referir à sua vida académica em Coimbra, da sua profissão como médico de medicina Desportiva. Recordou João da Silva Rocha como pioneiro dessa Especialidade. Relembrou episódios da sua passagem pelo Belenenses, Benfica, Académica, etc., das suas relações com Organismos Desportivos Nacionais e Inter-nacionais, das viagens que fez, obrigado pela sua profissão.

Ouvimos falar de fracturas, de roturas, de distensões, ligamentos e da Dor e seus variados e misteriosos mecanismos. Foi passado um vídeo, acompanhado pelos sons da guitarra de Artur Paredes com sugestivas imagens comprovativas das suas palavras. Esta foi a **28ª Conversa**.

29ª Conversa - (6 Fevereiro) - "*Viagens e Outras Actividades da Associação. Vem Dizer da Tua Justiça*". Todos os participantes eram autores e assim comentaram-se as actividades da Associação, deram-se alvitres para futuros passeios, fizeram-se perguntas à Direcção, que a todos respondeu.

Não foi tão produtiva como esperávamos, mas outras se seguirão, com certeza mais participativas.

30ª Conversa - (6 Março) - "*A Morte e o Amor Ultra-Românticos: O Noivado do Sepulcro*", por Eduíno de Jesus.

Só, na verdade, Eduíno de Jesus seria capaz de prender a atenção e interessar todos os presentes com um tema que era dado "de raspão" nos liceus e cuja história tétrica arrepiava as nossas mentes jovens, para quem o Amor deveria ser Vida e doce Alegria.

O "Noivado do Sepulcro" de Soares de Passos, considerado por muitos a obra prima dos poemas Ultra-Românticos, foi publicado há 150 anos. Para o compreender, disse Eduíno de Jesus, deve-se enquadrar o Poema ou mais propriamente a Balada, na época em que foi escrita e publicada, 1852.

Referiu-se aos períodos do ultra-romantismo português e aos seus cultores, entre o mais destacado Garrett, Castilho e Herculano. A época, rica em convulsões políticas, prestava-se ao culto da Morte. Grassava a tuberculose, que atacava os mais jovens

e que continuou implacável até ao final do século. Havia constantes notícias e contactos com a morte resultantes de batalhas e da doença. Surgiam suicídios por Amor. A solidão era uma constante.

Analisando a obra em questão - "O Noivado do Sepulcro" -, realçou todo o vocabulário macabro, tétrico em que o Amor e a Morte se entrelaçam. Finalizou-se com a recitação cantada da Balada. Tudo isto tratado com a sabedoria e leveza poética a que o nosso Assessor Cultural já nos habituou.

31ª Conversa - (20 Março) - "*Pelourinhos Portugueses*", por Olga Reis.

O Salão foi decorado com reproduções de belos pelourinhos. A Maria Olga, possuidora de uma notável colecção de fotografias, slides e postais de Pelourinhos Portugueses, começou por fazer o historial remoto do seu aparecimento, definindo-os como "Uma Carta de Foral Petrificado", verdadeiro emblema de jurisdição municipal. Eles são, de facto, símbolos de soberania de vilas e cidades. Obeliscos de pedra circular ou poligonal, munido de argolas ou ganchos de suspensão, aí se expunham publicamente os criminosos e condenados. De muito poucos se conheceu o seu autor, embora alguns sejam de grande beleza artística. Sabemos, por exemplo, que o de Lisboa é da autoria de Eugénio dos Santos. Os seus ornamentos e formatos permitem a sua classificação. Vulgarmente os de origem romana são os de "gaiola". Muitos se perderam, infelizmente. São quase sempre formados por uma base escalonada rectangular ou octogonal, donde se ergue o "fuste" em forma de coluna cilíndrica, torsa, canelada ou de arestas. A coluna é encimada por uma "gaiola" ou guarita, uma cruz, coroa, cutelo, esfera armilar, brasão, etc., consoante a época e o seu autor. Assim, há pelourinhos de estilo românico, gótico, renascentista, manuelino, barroco e outros de estilo mais simplista. Chamou-nos a atenção para o erro, muito vulgar, de designar alguns cruzeiros como pelourinhos. Como pseudo-pelourinhos citou o do Porto e o de Nelas. E através da projecção de imagens, deu-nos a conhecer muitos dos nossos belos pelourinhos, espalhados por Portugal, verdadeiro Património Nacional, que merece ser preservado por todos e sobretudo pelas Autoridades competentes.

32ª Conversa - (10 Abril) - "**Profissão: Farmacêutica**", por Sílvia Rosas.

Nesta conversa, Sílvia Rosas, lembrou que só muito recentemente a universidade de Coimbra confere o Grau de licenciado em Farmácia. Anteriormente na Faculdade de Farmácia só se tirava o Bacharelato. Daí que os estudantes que queriam ser Farmacêuticos, tinham forçosamente que emigrar e demandar o Porto ou Lisboa, com todos os inconvenientes e incómodos de nova adaptação. Procurou, em traços largos, dar uma ideia acerca de todas as áreas em que o Farmacêutico está apto a desempenhar as suas funções, começando por dar a definição de farmacêutico e de medicamentos. Fez, em seguida, uma resenha mais pormenorizada das funções que exerceu quer nos serviços do saudoso ex-Ministério do Ultramar, quer posteriormente nos Serviços Centrais dos Hospitais. Referiu-se, elogiosamente, ao trabalho que os Farmacêuticos vêm desenvolvendo nos Hospitais, não deixando de mencionar as boas relações e proveitoso intercâmbio de conhecimentos que sempre houve com os colegas das Forças Armadas e com os colegas hospitalares de Espanha. Finalmente falou na Farmácia de Oficina, que definiu como um Serviço de Saúde Pública a funcionar 24 horas por dia, que, tendo as suas portas sempre abertas, acolhe toda a população mesmo que ela queira apenas fazer uma pergunta ou pedir um esclarecimento. Falou na colaboração que a farmácia está a prestar aos Serviços Oficiais, colaborando no processo de troca de seringas, recebimento de radiografias e de medicamentos de que os doentes já não utilizam e que são posteriormente incinerados, etc. Terminou com uma referência especial aos medicamentos genéricos, assunto muito actual, que ainda não é totalmente claro, junto da população. O trabalho numa farmácia é, pois, contínuo e sem folgas. Surgem constantemente novas tarefas e a actualização de novos métodos e normas é permanente, difícil e extremamente desgastante.

33ª Conversa - (8 Maio) - "**A Duquesa de Palmela, Artista e Mecenas**", por Lourdes Amorim.

Lourdes Amorim é uma estudiosa de Figuras Femininas da nossa História, e a Duquesa de Palmela é uma dessas Grandes Mulheres. A sua exposição foi, desde o início, acompanhada por imagens (slides), feitas por ela própria, resultado de

exaustiva pesquisa bibliográfica publicada sobre a Duquesa e de retratos, esculturas, edifícios, sítios, figuras notáveis e acontecimentos seus contemporâneos. Daqui resulta uma agradável e rica conferência para os olhos e ouvidos.

O papel da Duquesa de Palmela na Arte e na Cultura Portuguesa foi notável, pelo auxílio por ela prestado a artistas, literatos e músicos. Ela trouxe a Portugal vultos notáveis com os quais estudava e discutia os mais variados assuntos. Realizavam-se, com frequência, serões artísticos e literários nos salões do seu Palácio no Largo do Rato, hoje Sede da Procuradoria Geral da República. Senhora de inteligência notável, contactou com a D. Maria Pia e a Rainha D. Amélia de quem era amiga e companheira e com esta última realizou valiosas obras no campo social, estabelecendo a Sopa dos Pobres, as merendas nas Escolas e outras medidas beneméritas.

Nunca se furtava a receber quem quer que a procurasse e o Palácio estava também sempre aberto aos mais carenciados. A sua presença era constante em eventos de carácter social, cultural e benemérito, marcada sempre por uma bondade natural, uma cultura e inteligência notáveis.

34ª Conversa - (22 Maio) - "**De Safiras e Rubis à Caixilharia de Alumínio**", por Maria do Rosário Cravo.

O título, convenhamos, era "chocante" para quem gosta mais de janelas de madeira e acha "frio" o alumínio. Mas uma Engenheira que trabalha com ele há 30 anos acabou por convencer todos da excelência do mesmo. E não é que se aprendeu que aquelas bonitas jóias que gostamos de pendurar nas orelhas, de pôr nos dedos ou no decote, quase todas e algumas em grande quantidade têm o alumínio como elemento principal? 8% da crosta terrestre é alumínio. A sua utilização é muito antiga. Plínio, séc. III, fala já do alúmen. No séc. XVIII era vulgar a utilização do alumina. Em 1886 começa a usar-se como elemento decorativo e na construção civil, porque é mais leve e mais barato do que outros materiais. É maleável, dúctil e molda-se com facilidade. É o mais leve dos metais usuais e forma ligas com muitos deles. Pode ser brunido e polido com facilidade. Resiste à corrosão, ao calor e à electricidade. Tem por todas estas razões inúmeras aplicações na indústria automóvel, na aeronáutica, em instrumentos cirúrgicos, em espelhos, utensílios domésticos e na construção civil tem um papel primordial.

A qualidade da exposição tornou esta conversa numa verdadeira lição, que prendeu a atenção de todos os presentes e... fez de mim uma "fã" do Alumínio.

35ª Conversa - (18 Junho) - *"A Universidades Seniores - o Prazer de Continuar Estudante"*, por Emília Mesquita.

Emília Mesquita, directora duma Universidade Sénior, falou sobre o êxito destas Universidades. Criadas para a ocupação de tempos livres de pessoas que, vulgarmente, ultrapassam os 60 anos. Frequentadas sobretudo por reformados que, depois da Reforma, se sentem com tempo e desejo de não ficarem parados, nem isolados, elas preocupam-se em criar cadeiras e tarefas acessíveis a todos sem qualquer objectividade de exames. As opções são variadas; vão desde a aprendizagem ou reciclagem de línguas: Português, Francês, Inglês, Italiano, etc., cadeiras de História de Portugal, da Arte, da Música, até a aulas de Pintura, de Arte Decorativas, de Arraiolos, Ginástica, Canto Coral, etc. Não são exigidos aos alunos diplomas e os professores são todos voluntários. Há convívio, inter-ajuda, passeios, um conjunto de actividades úteis e de lazer extremamente salutar para que os mais velhos continuem a sentir-se mais felizes e menos velhos.

PRÓXIMAS CONVERSAS

9 Outubro - *"A Massagem Através dos Tempos"*, por João Caldas;

23 Outubro - *"Ressonâncias de Walt Whitman em Fernando Pessoa"*, por Maria Teresa Carrilho;

6 Novembro - *"D. João III e a Universidade de Coimbra"*, por Olga Reis;

20 Novembro - *"D. Leonor de Lancastre, Grande Senhora do Renascimento"*, por Maria de Lourdes Amorim; e

11 Dezembro - *"Coimbra do Meu Tempo, o Meu Tempo de Coimbra"*, por Tito Costa Santos, Carlos Couceiro e Camacho Vieira.

Isabel Alexandre

CONFERÊNCIAS

Sobre "A Eutanásia e os Valores Morais"

Este tema suscitou um interesse desusado aos mais e aos menos jovens, que acorreram ao Hotel Mundial, no dia 10 de Maio, para ouvirem o nosso Colega Manuel António, Director do Instituto Português de Oncologia de Coimbra.

O Conferencista dissertou, com a singeleza de quem é brilhante, sobre esta controvérsia, que se gera em todos os tempos e latitudes, dissecando os argumentos dos que são a favor da eutanásia e dos que a combatem em nome do direito à vida, mesmo à custa das circunstâncias penosas em que possa ser vivida.

E fê-lo com a objectividade e distanciamento de opinião formada próprios de alguém que alia ao muito saber teórico a experiência no terreno, colhida dos testemunhos directos dos que lutam contra uma morte certa quanto à ocorrência, mas incerta quanto ao tempo.

Factores estes que, conforme salientou, o impedem de assumir uma posição perante si próprio e, muito menos, perante os pacientes e seus familiares.

O debate que se seguiu foi participado pelos 100 convivas e, não fora a viagem de retorno a Coimbra, teríamos visto o Castelo de S. Jorge ao alvorecer...

De registar aqui que o nosso Colega Conferencista se deslocou (após um jantar apressado) à RTP2, onde fez questão de mencionar que dali iria falar à nossa Associação (eis um anúncio e divulgação sem preço, apenas passível de gratidão infinita). Foi uma lição de vida capaz de nos fazer repensar a nossa escala de valores (para falar só nos morais...)

Bem-Haja, Manuel António, continue bem sucedido na sua Cruzada!

A Direcção

OS NOSSOS PASSEIOS

I - DE FIM-DE-ANO 2001/2002 EM TENERIFE

Crónica que mandou fazer a Excelsa Senhora D. F^a de Lencastre, que Deus Nosso Senhor guarde, da expedição que fizeram seus súbditos fidelíssimos à remota **Ilha de Tenerife**, para ali passarem o fim do ano da (des)graça de 2001 da era Cristã.

Factos y Feytos

O prospecto da viagem era aliciante: *"Estadia de 5 noites em excelente 4* superior, em sistema All Inclusive, onde qualquer pessoa poderá comer e beber à discrição, sem qualquer suplemento, com pequeno almoço buffet, almoço e jantar com todas as bebidas, desde vinhos, whiskies, gin, rum, vodkas, e champagne, cafés, chás, cerveja à pressão"* (fim de citação).

A coisa prometia e a única dúvida era a de saber se os nossos estômagos e fígados aguentariam um tratamento daqueles, mesmo depois - e sobretudo, por causa - dos largos anos em Coimbra a comer no *"Morte Lenta"* e a beber no *"Toino Ladrão"*.

Neste estado de alma e sedentos (aqui está um termo a propósito) de mostrarmos o que valíamos - e ainda valem - lá rumamos a Lisboa para embarcar em nave que nos levasse a terra tão farta. Com o inevitável atraso entramos no bojo da alimária (por sinal de muito má catadura) e que ostentava o enigmático nome de **FUTURA**, o que rima com a catadura mas não com fartura, como já vamos cronicar.

Instalados nas selas da cavalgadura (já rima outra vez) e passados os arreios, espera-se a medieva ceia, que a jornada ia longa. Consistia a dita num guardanapo de papel a envolver um triângulosito de uma coisa que parecia pão mas sabia ao guardanapo, tendo dentro algo de cor, cheiro e sabor indefinidos e cuja natureza e proveniência achamos melhor não indagar (sábua filosofia de sobrevivência adquirida nos citados anos de Coimbra).

Para empurrar aquilo (?), pedimos: Una cerveza! - Pero tienes que pagarla! diz a azafata. Para gente que ia em rota de abundância a coisa começava mal, pelo que logo ali se começou a escrever a crónica dos factos e feitos, pela pena da ilustre poetiza que sempre acompanha o Tito desde o *cruzeiro no Mediterrâneo*.

Começa mal a viagem!

Quinhentos paus um vinhito,

Mais trezentos pela cerveja,

A sanduíche... talvez à lupa

Haja algum de nós que a veja

Com uma futura assim farta

E de tão boa hospedagem,

Só nos apetece dizer:

"É fartar vilanagem!"

- Vão roubar pr'ó raio que os parta!

Maria Amália Vaz de Carvalho

- Marquesa da Lorna -

Chegados ao *"Bahía Príncipe Costa Adeje 4 Estrelas Superior"* (assim mesmo!) esperava-nos uma mesa coberta de flores, entremeadas com baldes de gelo contendo garrafas, reclinadas naquele ângulo sábio que prodigaliza a libertação dos suaves eflúvios adquiridos em longo e silencioso estágio na profunda quietude das caves que lhe são berço. Assim, sim! dissemos todos, pegando na flute com propósitos de desforço e esperança no futuro, já que na *"FUTURA"* a tínhamos perdido toda. Mas a esperança morreu logo ali: aquilo era espumoso, daquele que a malta bebia na Queima das Fitas a cinco paus a garrafa! **VAGABUNDOS!**. E vamos para o *check-in*: muita confusão, com toda a gente a querer passar à frente - o que é uma constante nos nossos grupos e só se explica pela pressa decorrente da consciência do pouco tempo de vida que nos resta - e começam a distribuir umas anilhas para pôr no braço, perna ou pescoço. Ora eu, que não tenho vocação para pombo-correio e que, em anterior encarnação, devo ter sido cão (cada um tem o que merece) tenho horror a coleiras e, por isso, recusei a dádiva. - Pero assi no tienes acceso! diz a recepcionista. - Acesso a quê? Pergunto eu. - Acesso a todo! - Olha, se o todo é a soma das partes e a primeira é aquele "vino" (eu acho que disse veneno) bem o dispense. Ela não percebeu nada, encolheu os ombros e eu, para não destoar, encolhi também.

Lá partimos à descoberta dos quartos, o que não foi nada fácil dada a estranha configuração daquele estranhíssimo *"4 Estrelas Superior"*, que ainda hoje estou para saber porque se auto-designa assim.

Após porfiadas tentativas lá encontramos o quarto, em que a janela não abria, o autoclismo não fechava, o ar condicionado empancava, a televisão não televisava e o telefone nem espanhol falava. Brilhante! Quatro Estrelas Superior! Olha se não fosse!

Como era já quase meia-noite e o jantar *buffet* mais o vinho, whisky, café, etc estavam à nossa espera, lá fomos para o restaurante. Auto-servidos de "unas cositas" sentamo-nos a uma mesa e pedimos, obviamente, vinho. O empregado, rapaz novo mas de ar sério, trouxe-nos um pichel com algo de uma cor sinistra e aguardou, profissionalmente, a prova; só perguntamos: isto o que é? - Es lo que nos mandan servir como vino, señor, responde ele, entre pesaroso e solidário. - Leve depressa esta coisa horrenda e traga a lista dos vinhos, pedimos. - Pero tiene que pagarlo! (Onde é que eu já ouvira aquilo?). Ainda refilei, mas nada a fazer - Son ordenes, señor.

Para fazer a digestão (a boa vontade acompanha-nos sempre), demos um passeio ao longo daquele conglomerado, composto por edificios de diferentes formas e volumetrias, pintado de cores berrantes num exercício de arquitectura pós modernista (?) que os ignorantões - como eu - das altas elucubrações a que obedece a concepção de tais maravilhas, designam por "taveiradas". (Espero que o sujeito não leia esta crónica, por que, se tal acontecesse, até tremo só de pensar no que me faria...) E fomos à deita, que a jornada ia longa. Ultrapassada a janela que não abria, o autoclismo que não fechava, etc, etc, etc, lá adormecemos fazendo preces ao Altíssimo para que nos protegesse de todo o mal, amen. Premonições.

No dia seguinte havia subida ao **Parque Nacional de Las Cañadas del Teide**, onde era proibido apanhar pedras pois, segundo a guia, os crânios locais tinham feito as contas e, a três milhões de visitantes por ano, se cada um levasse uma pedra, dali a duzentos anos teriam levado a ilha toda!

Ali tivemos o primeiro contacto com os guanches, primitivos habitantes da ilha de que a nossa guia falara exaustivamente durante a ida. Estavam retratados no pequeno museu local e, à pergunta de um nosso colega se ainda havia alguns, o funcionário respondeu, por cima do ombro e apontando os posters com o queixo: Hay esses!

Mas isso não era inteiramente verdade, pois ainda encontramos dois. Passo a contar: Ia eu subindo um monte - tal como o "Veloso amigo" - por um carreiro delimitado por umas cordas (e que até não

conduzia a lado nenhum) quando um simpático casal me pede para lhe tirar uma fotografia. Ousou posar um pouco fora das cordas e eu, para obter o melhor ângulo, sentei-me com uma perna para além do demarcado. Oh ultraje supremo! Oh profanação iníqua! Oh pecado irredemível! Oh crime nefando! O Teide ia entrando em erupção, tal a energia com que os dois guanches sobrevividos reagiram ao nosso comportamento. Eles andariam ali investidos nas funções de guardas (das pedras?) actividade que certamente alternavam - com o mesmo *savoir-faire* - com a de guardas das cabras da sua subsistência, quando não havia turistas. Assobiaram desalmadamente, correram, esbracejaram, invectivaram-nos, ameaçaram-nos de prisão, enfim, só faltou atirarem-nos pedras - o que certamente só não fizeram pelo cuidado local que elas merecem. Enfim um caso de aculturação falhada, uma mostra do longo caminho que a civilização ainda tem a percorrer por aquelas bandas, ou um incompreensível descuido dos descendentes dos bravos Pizarros e Cortezes.

Nos dias seguintes, no propósito meritório de contornar algum desencanto reinante, a entidade organizadora proporcionou-nos alguns passeios pelos locais mais interessantes da ilha e que são, sem dúvida, os núcleos urbanos com edificios dos séculos XVI, XVII e XVIII, de traça peculiar e bem conservados, já que a paisagem é bastante modesta face à de uma Madeira ou Açores e mesmo o guanches ficam a milhas do nosso Alberto João.

A chuva - "Em Canárias nunca llove" - é que estragou tudo, juntamente com a calíma, principalmente na tarde em que o 4 Estrelas Superior mostrou todas as suas potencialidades: as janelas que não abriam, escancararam-se (com o vento), as portas que não fechavam trancaram de vez (com a água) os canos que não vedavam taparam (com o lixo), os corredores passaram a canais, as escadas a cascatas, os passeios tornaram-se em lagos e nós em aves palmípedes a ver onde não devíamos por a pata!

O fim do ano passou-se no Pátio das Cantigas, com uns "cubanitos" a darem o melhor - que não era muito - e com as inçontornáveis uvas e gaitinhas.

E como o cronista tem de abreviar esta, por ordem da Excelsa Senhora, a quem falece espaço e papel, dá os trabalhos por findos com a transcrição do tango de despedida. Olé!

TANGO DA DESPEDIDA

(Com a música devida)

Adiós muchachos, compañeros d'aventura
 Gente sofrida, que tanto atura,
 Atura o tempo, atura o vento e a calima,
 E ainda por cima, vai na FUTURA!
 E adiós à boa vida,
 Adiós tiempo caliente,
 Adiós gente querida,
 "Amigos para siempre!"
 Canárias, 02-01-02
 Adiós aquele hotel
 De mucha parra e pouca uva,
 Em que, até para estar na cama,
 Só mesmo de guarda-chuva!
 Carlos Gardel Cantor desta e doutras árias
 (Tanto ou mais desvairadas...!)
 Que, não tendo outro porvir,
 Se um dia forem lembradas
 Ao menos... façam sorrir!

Paquim da Costa

Alguns dos resistentes à chuva



"O Reveillon"

**II - DA PRIMAVERA - MÉRIDA,
CÁCERES E SALAMANCA**

Promovido pela Direcção da nossa Associação, efectuou-se o já tradicional *Passeio da Primavera*, este ano com uma forte incidência cultural, como é natural numa Associação de Antigos Estudantes de Coimbra.

Dia 7 de Junho

A saída teve lugar com cerca de meia hora de atraso, dada a falta de uma Colega que se sabia ter saído de casa, mas que não chegou, não tendo sido possível localizá-la.

Foi já em plena auto-estrada, a caminho de Espanha, que se recebeu um telefonema (os telemóveis também têm vantagens!), informando que a Colega tivera um acidente de viação, mas que tomara um táxi e já vinha no nosso encalço. De imediato parámos numa área de serviço e, pouco tempo depois, chegava a Colega para se juntar a nós. A sua persistência em nos acompanhar foi motivo de fartos aplausos!!!

Chegados a **Mérida**, logo nos dirigimos ao Restaurante *Alcazaba do Hotel Velada*, onde nos deliciámos com um bom almoço que nos preparou para o grande passeio da tarde.

Em conjunto, fez-se a visita ao *Anfiteatro* e ao *Teatro Romano*, onde pudemos "experimentar" a sua extraordinária acústica.

A maioria dirigiu-se, depois, ao magnífico *Museu Nacional de Arte Romana*, um extraordinário edifício, com uma expressão arquitectónica invulgar e uma riqueza de património arqueológico verdadeiramente notável. Outros preferiram deambular pelas ruas de Mérida, visitando igrejas e monumentos.

Já um pouco cansados, mas reconfortados com tudo o que de belo pudemos apreciar, tomámos os autocarros para uma retemperadora viagem até **Cáceres**, onde ficámos instalados no moderno e acolhedor *Hotel Barceló V Centenário* e onde, depois da ocupação dos quartos e de um breve repouso, nos foi servido um óptimo jantar.



Em Mérida



Em Cáceres

Dia 8 de Junho

Após o pequeno-almoço, dirigimo-nos para o centro da cidade de Cáceres que, diga-se desde já, foi uma agradável surpresa para todos os que ainda a não conheciam. Tivemos uma visita guiada que nos permitiu ficar a conhecer um centro histórico muito bem preservado e com notáveis edifícios medievais, onde se destacaram as *Igrejas de S.ta Maria e de S. Mateus*. Depois, enquanto alguns foram fazer um passeio turístico no "*Tren Turístico Los Conquistadores*", outros dispersaram-se pelas ruas, pelas lojas e pelas esplanadas.

Ao fim da manhã, depois de uma pequena volta de autocarro para todos ficarem com uma ideia geral do burgo medieval, fomos almoçar ao Restaurante *El Puchero*, de novo com pleno agrado de todos, pois voltámos a ser muito bem servidos.

Já recuperados de uma manhã bem intensa (Cáceres tem ruas muito inclinadas, de difícil acesso, mas de bom piso!), seguimos viagem para **Salamanca**, onde chegámos ao fim da tarde, tendo ficado instalados no magnífico *Hotel Melia Las Claras*, um quatro estrelas de muita qualidade.

Após a ocupação dos quartos e de um breve repouso, a que muitos não deixaram de associar um

banho retemperador, o grupo espalhou-se pelo centro histórico, muito iluminado, com as ruas cheias de gente e grande animação, sendo notória uma acentuada maioria de jovens, não faltando cantos, danças, pintores e artistas de rua.

Alguns dos Colegas conseguiram visitar monumentos, nomeadamente igrejas que ainda se encontravam abertas. Mas a maioria estava preocupada com o jantar; assim, juntando-se em vários pequenos grupos, uns petiscaram, outros comeram, todos pagaram...

Para os "melómanos" houve, um aliciante para o qual tiveram que ser sorteados bilhetes, um grupo foi assistir a um concerto na *Catedral*; outro, no qual tivemos a sorte de ficar incluídos, foi assistir ao "*Concerto de Fim de Curso*" pelo *Coro da Universidade de Salamanca, na Igreja de San Benedito*.

Tratou-se de um Coro fundado em 1950 que, neste concerto, interpretou música da polifonia espanhola do século XX. Embora tratando-se de um bom Coro, julgamos que os nossos *Coro Misto e Orfeon Académico* são francamente melhores, não podendo suportar qualquer comparação com os antigos *Coral da Faculdade de Letras e Orfeon Académico de Coimbra*. Mas foi um óptimo fim de tarde!

Dia 9 de Junho

Depois do pequeno-almoço no Hotel, foi a debandada geral, em pequenos grupos, visitando os mais importantes monumentos do centro histórico, as lojas de "souvenirs" e percorrendo as lindas ruas e praças desta cidade "*Capital de Cultura 2002*".

O almoço foi num bom restaurante no centro histórico, após o que, a pé, fizemos uma visita guiada a alguns dos mais importantes monumentos, nomeadamente a *Plaza Maior* (que é considerada, e com razão, uma das mais belas de Espanha!), a *Casa das Conchas*, a *Igreja de S. Isidro*, a *Catedral Velha*, a *Catedral Nova* e, por fim, o velho edifício da Universidade, com um lindíssimo pátio interior. O jantar teve lugar num restaurante típico, com grande animação, encerrando em beleza a nossa estadia em Salamanca. Muito bem servido, teve um espectáculo de "sevilhanas" e "flamenco", dançado por jovens estudantes universitárias e canções por um cantor de seu nome "Armando".

Como referimos, foi grande a animação, de tal modo que muitos não resistiram a dar um "pé de dança" com as jovens "nuestras hermanas" e cantando em coro com o Armando.

Terminado o jantar, a grande maioria dirigiu-se a pé para o Hotel, mas ainda houve alguns "noctívagos" e "foliões" que não resistiram ao apelo da noite bem alegre das ruas de Salamanca e por ela deambularam, sabe-se lá por onde...

Dia 10 de Junho

A saída para o regresso a Portugal e a Lisboa, fez-se da porta do *Hotel Melia* (que a todos deixou saudades, pois foi uma ótima escolha!), em direcção a **Ciudad Rodrigo**, quase na fronteira de Portugal, onde chegámos à hora do almoço.

Os autocarros tiveram de ficar à entrada do burgo pois

não cabiam na porta de entrada.

Percorrendo as ruas desta pequena, mas lindíssima cidade, antes e depois do almoço, tivemos a oportunidade de apreciar lindos palácios e casas apalaçadas de bela traça arquitectónica.

O almoço teve lugar no excelente *Parador de Turismo*, antigo edifício inserido no centro do Castelo, debruçado sobre o *Rio Águeda*, que mais adiante faz fronteira entre Portugal e Espanha, indo desaguar no *Rio Douro* junto a Barca d'Alva.

Muito bem servido, o almoço foi o último convívio entre todos os "Turistas" deste belo Passeio e teve momentos de franca alegria, especialmente à medida que a *Seleção Nacional de Futebol*, no *Campeonato do Mundo* ia marcando golos à Polónia, pois o Carlos Rocha, com um minúsculo transístor, conseguiu sintonizar a *RDP* e, ouvindo o relato do jogo, ia dando as notícias.

Seguimos, depois, para **Lisboa**, jantando em duas áreas de serviço da auto-estrada Lisboa/Porto.

Na nossa opinião, que sabemos partilhada por muitos dos participantes, este foi um dos melhores Passeios promovidos pela nossa *Associação*. Na verdade, a diversidade dos estilos e das épocas dos monumentos históricos que pudemos observar e admirar, bem como a sua grandiosidade e beleza, por si sós explicavam o êxito desta iniciativa. Mas acresce que ficámos sempre muito bem instalados em óptimos hotéis e as refeições tiveram sempre boa qualidade, sendo de destacar o jantar de Salamanca.

Tivemos, ainda, a companhia de Guias bem preparadas para uma "comitiva" conhecedora que lhes exigia conhecimentos e capacidade para os expor, o que, a nosso ver, conseguiram amplamente.

Esperamos, e desejamos, que este Passeio seja o paradigma dos futuros.

Tito Costa Santos



Na Universidade de Salamanca

A VOZ DA FILANTRÓPICA

1. Colega: se sabes de algum Colega em circunstâncias de certo modo difíceis ou a necessitar de qualquer forma de ajuda, telefona para a Associação e pede que te ponham em contacto com a Filantrópica, ou se preferires telefona para 218483951 - Maria Luísa Brioso; 217587995 - Graciette Cartaxo; 218400219 - Maria Olga Reis; 218484607 - Braz dos Santos.

2. Lembra-te que a Filantrópica conta com um "Grupo de Apoio Médico e Jurídico" a que podes recorrer. Estamos a estudar o melhor meio de lhe dar vida nova.

3. O Ministério das Finanças tem um programa de ocupação de tempos livres (SOFE) muito interessante: passeios, visitas guiadas, actividades ligadas à Educação Física - como Yoga e outras; actividades culturais e artísticas - como História de Arte, cerâmica, pintura de azulejos, etc.; bordados e outros labores femininos ou mesmo línguas. Se estás interessado e queres saber pormenores, informa-te e inscreve-te nos **SOFE - Rua Filipe Folque, 67 - 1º, em Lisboa, telefone 213594900.**

OS NOSSOS CONVÍVIOS

A Filantrópica ao organizar convívios tem por fim proporcionar aos nossos Colegas, especialmente aos que não gostam ou não podem sair à noite, a vivência da tão bela "fraternidade" académica. Ou eles vêm até nós ou nós vamos até eles. Neste último caso situa-se o que realizámos em **Santarém, no dia 14 de Abril** p.p. para convivermos com essa figura singular de médico, filantropo e desportista que é o Dr. Isabelinha, essa glória da Académica de antanho. Um almoço foi o meio escolhido e este mostrou-se particularmente gratificante parte a parte. Todos revivemos Coimbra e para nós foi o privilégio de se privar com uma alma de eleição. Surpreendeu-nos a sua graça. Numa tentativa de ocultar a idade diz-nos, sorrindo candidamente, que já fez oitenta e quatro anos e, ao ver-nos preocupados por ele estar de pé, à espera de todos os convivas, disse:

- *Não se preocupem que eu ainda faço isto!* (em acto contínuo), como bom ribatejano que é,

esboçou alguns passos do fandango. Uma ternura! Com que emoção o vimos beijar a medalha de prata comemorativa do cinquentenário da Académica! Com que emoção o vimos escutar os fados que o nosso Ângelo lhe cantou e o ouvimos mesmo cantar connosco: Amor, amor e mais nada!

Despedimo-nos felizes prometendo novos encontros. Também estamos apostados em trazer até nós Colegas que connosco querem partilhar as suas velhas vivências estudantis que devem ser guardadas para a posteridade. Foi assim que, no dia *25 de Maio* (tanto que esta data representa para muitos de nós!) realizámos, excepcionalmente no salão de festas da **Pastelaria Mexicana**, pela 13h00, um almoço em que o nosso convidado de honra foi o nosso Colega, Dr. Montargil. Foi ele o Presidente da "Queima" no ano em que se realizou um "cortejo científico-histórico" com a graça e a crítica, características da Academia de então. Entre tanta figura histórica que desfilou logo a abrir, viam-se "Adão e Eva ao Natural" com a sua nudez devidamente recatada por imposição da "Comissão de Censura"; Egas Moniz, Nobel da Lealdade e Egas Moniz, Nobel da Medicina; D. Dinis, o Plantador e D. João III, o Transplantador; e mais, muito mais!

Daqui agradecemos ao Conde de Montargil a sua colaboração.

Depois a Filantrópica, por voz do seu Tesoureiro, deu conta dos seus actos e projectos. Seguiram-se a Evocação da figura do poeta João de Deus como estudante paradigmático de Coimbra e a rifa de uma valiosa obra cultural oferecida por um Sócio.

A finalizar, exibiu-se o *AD-HOC* e fizeram-se ouvir as vozes consagradas dos nossos Colegas Ângelo de Araújo, Alcindo Costa e Artur Mota. Bem Hajam todos!

Saudações Académicas
Pela *Filantrópica*
Maria Olga Reis

O NOSSO COFRE

As nossas finanças apresentam, até Junho, um Saldo positivo de 3.758,10 €, que se desdobram assim: 2.614,39 € em títulos; 1.107,05 € em depósitos à ordem e 36,66 € em numerário.

António Braz dos Santos

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos...

... no primeiro Semestre de 2002:

- † Dr. Valter Pacheco de Mendonça, Sócio 941 - em 14 de Janeiro;
- † Dr. Francisco Rodrigues Antunes, Sócio 78 - em Janeiro;
- † Dr. Arménio António Cardo, Sócio 19 - em 17 de Maio;
- † Dr.^a Maria Adelaide de Oliveira Baptista Cavaleiro, Sócio 588;
- † Dr. Rui Manuel Pinheiro Moreira, Sócio 973;
- † Eng. João Ribeiro Lisboa, Sócio 403 - em 1 de Junho.

Paz às suas almas.

GINÁSTICA DE MANUTENÇÃO

"A vida vai gerando problemas, à medida que a idade vai avançando no tempo".

"O exercício físico ajuda, quase 100%, a ultrapassar muitas das situações que se nos deparam ou, pelo menos, atenua muitas das doenças que vão surgindo".

"A **Ginástica de Manutenção** é primordial para o bem-estar físico e mental de todos nós".

Assim, é com muito entusiasmo que este grupo se reúne, no Salão da nossa Sede, todas as semanas, para alegremente praticar esta actividade, sob a orientação de dois bons e amigos Professores.

Se quiseres juntar-te a este grupo, é só contactares nesse sentido a nossa Sede.



A Juventude em acção

AD-HOC

Vai sendo conhecido o nosso coro *Ad-Hoc*.

É um coro de "Boa Vontade", sem pretensões, mas que, à medida que vai tendo experiência e desinibição, quer aperfeiçoar-se e pode ser útil e interessante, dentro das actividades culturais da nossa Associação.

Continua a reunir-se, todas as semanas, nos seus "ensaios", aprendendo com os já "consagrados" o muito que têm para ensinar, neste domínio.

A boa vontade de todos os seus elementos é suficiente para este grupo merecer todo o nosso carinho.

Maria Antónia

Novos Sócios Admitidos...

até Julho de 2002

- Dr.^a D. Emmanoela de Rosa Baptista de Almeida Santos Andrade;
- Dr.^a D. Liz da Silva;
- Dr.^a D. Maria Teresa de Castro Guimarães;
- Dr.^a D. Teresa Isabel Fernandes de Almeida;
- Dr. António Nunes Fernandes Gouveia;
- Dr.^a D. Jusefina Carmo Gonçalves de Carvalho;
- Eng. Manuel Joaquim Gonçalves Barroso;
- Dr.^a D. Amélia Josefina Queiroz Lopes;
- Dr. António Manuel Martins Miguel;
- Dr. António Ferreira Jorge;
- Dr. Armando Moita Santos Lourenço;
- Dr. Ercílio Marques Barreto;
- D. Maria Manuela S. R. Soares de Almeida;
- Prof. Doutor Veríssimo Serrão;
- Dr.^a D. Maria Manuel Avô Theriaga Mendes;
- Dr.^a D. Maria Helena Gaspar Correia;
- Dr. Victor Manuel Correia de Azevedo;
- Dr.^a D. Maria Darcília Salgado Zenha Morais Correia;
- D. Maria Gabriela Pinheiro Bruno Castanheira Nunes;
- Dr.^a D. Maria Margarida Meliço Silvestre e
- Dr. José Adriano Machado Souto de Moura.

OS NOSSOS POETAS

SERENATA NUCLEAR

- à memória de Joaquim de Sousa

Sonhei-te a meu jeito, minha. Como tudo que amo, fantástico espaço renascido entre a terra e o céu, filha de gente simples, romance de um povo cantador de fogueiras, balada indefinida entre a Vida e o Sonho.

Amor ou ódio, não sei. *Como te odeio, minha amada!...

Noite, companheira dos meus passos vagarosos. Palácio onde as sombras, almas, vagueiam vivas entre a gente deste tempo deserddado.

Anto, meu querido Anto, como gosto de passear contigo! Ainda moras no Beco da Carqueja, noites de *ai olé* com muitas e lindas raparigas cantando sob a noite *ai olé... ai olé*.

E a Torre, meu amigo?! Como ela paira sobre o Tempo. Que deliciosa vida, dizes-me tu, adentro dessas quatro paredes erguidas ao alto.

Torre de Anto, a Sub-Ripas. Abre as ogivas talhadas nessas pedras milenares, olha o Mondego. *Cidade triste agasalhada entre choupais*, dizes-me tu, Coimbra do passado, digo-te eu.

- Anto, serão os homens que fazem o mundo feio? Dizes-me tu que sim, que lhe tiram a espiritualidade, e depois dos homens, o Sol. E que é bom viver na Torre, só na Torre, cerrar as ogivas sobre o dia e abri-las, à noite, toda a noite, na hora em que se fecham para a Vida as janelas e varandas burguesas.

Velha Alta onde a Lua dominava e o Sol nada podia contra aquela vontade de pedra.

Noites clandestinas, com Antero de cabeleira e barba cor de fogo a incendiar o mundo.

Pairava no ar um apelo, um perfume como o sonho, todo espírito, todo sentimento. Os acordes de uma guitarra enchem o ilimitado espaço da poesia. Uma voz rasgou a penumbra da noite e, como uma seta, atingiu o coração da cidade:

Coimbra menina e moça

Rouxinol de Bernardim.

Não há terra como a nossa,

Não há no mundo outra assim!

Coimbra da Rua Larga, do Largo da Feira, da Rua do

Cosme, da Rua de São João. Coimbra assassinada.

Lá diz o poeta - *são os homens que fazem o mundo feio!*

Demoliram as casas, as ruas desapareceram e onde reinava a Lua, agora o Sol que, impiedosamente, queima o espaço transformado, enorme, onde não cabem nem povo, nem fogueiras, nem cantigas.

Carlos Carranca

CONSOADA

À mesa, na noite de consoada
O meu país é este,
O da memória apertada.
Sem fôlego p'ra percorrer
Outros caminhos profundos
Mas com alma
A de saber
Que há mais memórias, mais mundos.

Vai-se a gente aconchegando
À lareira do passado
E do que foi encontrado
Aquecemo-nos por dentro.

Dos restos que vão ficando,
Passada a noite ansiada,
Resta uma flor violada
Por alguém que se perdeu
À mesa, na noite de consoada.

Carlos Carranca

HORA DE NATAL

Fico agarrado ao poema
E tudo passa lá fora.
De ficar, só esta pena
Que no Natal se renova.

Fico agarrado à memória,
Ao futuro que não sei,
Ao rosto de minha mãe
A olhar-me nesta hora.

Fico agarrado, sozinho...
E tudo passa lá fora.
O futuro que adivinho
Sou eu, perdido na hora.

Carlos Carranca

COM O CORAÇÃO AO PÉ DA BOCA (1)

“Carlos Carranca, com grande autenticidade, recria os mitos da antiguidade clássica e exalta Coimbra e o seu sentimento.

Três rios, o Douro, o Mondego e o da memória pessoal e colectiva fazem parte do universo de Carlos Carranca. Qualquer deles revive, momento a momento, no livro *Neste Lugar Sem Portas*, antologia poética que resume a produção já editada em *Imagem* e *A Procura do Amor Perdido*, 1982; *Ressurreição*, 1992; *Sete Poemas para Carlos Paredes* e *Serenata Nuclear*, 1994; *Homo Viator*, 1997; e ainda *O Coração ao Pé da Boca*, 2001.

Juntamente com estes rios surgem presenças tutelares indissociáveis do comportamento humano e da actividade literária de Carlos Carranca, incluindo de cada um a epígrafe que os define e caracteriza: Vitorino Nemésio - *"Esta saudade sem tréguas / minha pele e pensamento, / ágil como uma égua, / até concebe do vento"*; Afonso Duarte: *"põe nas palavras o barro / da tua humanidade"*; Miguel Torga: *"descer dentro de mim à fundura possível"*. Não esquece, ainda, António Nobre que é, simultaneamente, do Douro e do Mondego: *"Anto, meu irmão nocturno, / como gosto de subir à torre / solitária desse teu olhar"*.

Poeta de grande autenticidade, ao longo da sua obra faz uma reflexão contínua sobre o fluir do tempo, os cenários e expectativas de realidade cósmica e da condição humana: *"No poeta há uma voz secreta / que se queixa. / Ferida que não fecha. (...) Que trágico nó, este momento! somos um só, no útero deste dia / contra a morte amarrada, contra o tempo"*.

Recria os grandes mitos da antiguidade clássica - Eros: *"Acende-se o / desejo / a boca come a boca / e devoradas / as bocas / são beijos / e desejos / doutra boca"*; Sisifo: *"Arrasto-me, movendo a minha pedra / Não desisto. / Penitente e natural, / existo. / É por dentro que sinto / o que observo / e dói-me no instinto / a pedra que eu carrego"*. Aos grandes mitos que a humanidade reinventa no decurso dos séculos, Carlos Carranca associa referências significativas da vida e da cultura portuguesas: o mar, a serra, Coimbra, o sentimento de Coimbra, figuras emblemáticas da história cultural e social de Coimbra: Carlos Paredes - *"uma guitarra / que no tocar / nos liberta e nos agarra / com a sua garra de poeta (...) gritos; dedos; alma. A luz em sofrimento. / Uma guitarra ouvia-se no pranto"*. E, também, neste outro poema: *"A voz é de terra e de tragédia, / Ibéria toda. / Sete luas? Sete sois? / A noite é seu caminho. / O mar cresce no espaço / de um deus que traz sozinho / a voz de outras vozes / - a voz de Luiz Goes."*

Na obra de Carlos Carranca seleccionada em *Neste Lugar Sem Portas* está sempre - e para citar o título de um dos seus livros - *O Coração ao Pé da Boca* que é, afinal, a síntese do que há de mágico e trágico na vida; a relação do homem com a terra, o "regresso à infância numa fuga à morte" e a afirmação dos valores da fraternidade e solidariedade universais."

António Valdemar

Jornalista do Diário de Notícias

(1) A propósito do lançamento do livro "Neste Lugar Sem Portas" apresentado em Junho, no Salão da RDP, pelo Prof. Fernando Tavares e pelo Dr. Almeida Santos, tendo sido lidas mensagens de José Jorge Letria e do Gen. Ramalho Eanes.



O Poeta e os seus apresentadores

COMEMORAÇÕES

Lembrar GIL VICENTE e alguns dos que muito dignificaram a sua obra

Tendo sido membro entusiasta do TEUC (*Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra*) nos saudosos anos de 43/46, tentei-me, para bem da minha consciência académica coimbrã, a deixar registado no nosso C.&B. algo muito sintético e despretensioso sobre o grande **Mestre Fundador do Teatro Português**.

Os dados que encontrei desde sempre, ao querer estudar esta figura da nossa Literatura, foram escassos e pouco precisos, até mesmo quanto ao seu local de nascimento (Guimarães do Minho?).

Guimarães de Tavares (na Beira?).

Terá algo a ver com Gil Vicente, o outro da célebre Custódia de Belém?

Ou com um Mestre da Balança da Casa da Moeda?

E...? E...? Nada de muito concreto consegui saber!

Apenas registamos que a sua Lírica está representada no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.

Que mais poderemos dizer com a certeza histórica que exigimos? O *Auto da Visitação (Monólogo do Vaqueiro, como vulgarmente designamos)* foi por ele próprio representado, na Corte, perante a Rainha D. Maria, em homenagem ao futuro Rei, D. João III, seu filho.

Daqui partiu toda uma vida dedicada a comediógrafo e, sobretudo, de autor reconhecido.

É nele que encontramos já um espírito denunciante e crítico dos erros e vícios sociais do tempo que viveu, pondo de parte o uso da métrica popular dos seus **Autos e Farsas**.

O seu espírito renascentista já se deixava antever a caminho da nova Época.

Por uma questão didáctica, julgo eu, a sua Obra encontra-se geralmente agrupada ou classificada por **Autos e Farsas**.

Dos **Autos** são exemplos de referência: o *Auto da Alma*, *Trilogia das Barcas*, *Auto da Feira*, *Auto da Mofina Mendes*, *Auto da Índia*.

Os temas tratados ou são religiosos ou profanos, quer de assuntos sérios quer cómicos, para divertir.

As **Farsas** eram peças curtas e cómicas (*O Velho da Horta*, *Farsa de Inês Pereira e Quem Tem Farelos?*).

Relembrando estes títulos tão conhecidos de todos nós e voltando aos anos 43/46, apraz-me recordar que todos eles foram "ensaiados" e "postos em palco", pelo País fora, pelo TEUC e pelo saudoso Prof. Doutor Paulo Quintela e tantos Colegas e Amigos que rememoro aqui com muitas saudades: o Albano Martins da Costa, o Denis Jacinto, o Sobral, a Maria do Céu Fidalgo, o Arquimedes Santos, a Madalena Osório, o Barrigas de Carvalho, o Rui Feijó, o Alexandre Lucena e Vale, o Vasco Queiroz, o Jorge Peixoto,

o Ângelo Araújo, o Alcindo Louro, o Soares, e tantos outros cujos nomes já me escapam (que me desculpem!).

Lembro todos, neste modesto *Rascunho Memorial*, necessariamente muito reduzido, que guardo no meu coração e que aqui expresso para todos os Teucianos, antigos ou modernos.

Saudações Teucianas da Colega e Amiga de todos vós

Maria Antónia Dionísio

SEMINÁRIO

LÍNGUAS INDO-EUROPEIAS

OS FIOS DA HISTÓRIA E AS TEIAS DO FUTURO

Numa feliz e bem sucedida iniciativa da "Casa de Goa", realizou-se nos dias 12 e 13 de Abril este Seminário, que contou com a participação de excelentes oradores que traçaram o caminho da história das línguas, desde o Latim, o Grego, o Indo-europeu e o Sânscrito, como língua-mãe, até a emergência do Inglês, como língua franca global. Os oradores e os temas tratados nos 4 painéis foram os seguintes:

Dr. João Santos - *O Indo-europeu, língua-mãe*

Prof. Anil Samarth - *O Sânscrito como língua-mãe*

Dr.ª Marília Futre Pinheiro - *O Grego clássico como língua-mãe*

Prof. Doutor Teotónio de Sousa - *O Concani, língua viva*

Dr. José Manuel Matias - *Prognose sobre a língua portuguesa fora de Portugal*

- *O Português no mundo de hoje*

Dr.ª Elsa Rodrigues dos Santos - *Aspectos da literatura indo-portuguesa*

Dr. Miguel Faria de Bastos - *O direito à língua e línguas de direito*

Dr.ª Eduarda Cabrita - *O inglês como língua franca global?*

Dr. Victor Manuel Oliveira - *As línguas clássicas: a pedagogia do bem e do belo*

Jornalista António Martins-Tuválkin - *O Esperanto: a gramática num relance*

Foram moderadores dos painéis, em representação das entidades organizadoras, os Drs. Elsa Rodrigues dos Santos, Vasco Monteiro, Miguel Faria de Bastos e Fátima Lencastre.

Foi um compacto de saberes em temas pouco divulgados e que despertaram o maior interesse dos nossos Sócios que puderam participar e assim consolidaram ou aumentaram os seus conhecimentos.

NOTICIÁRIO

I - JANTARES MENSAIS

Realizaram-se três, naquelas primeiras sextas feiras de cada mês (e nos meses em que não ocorria sobreposição com outras actividades) que todos aguardam com a certeza de desfrutarem de momentos culturais, de um convívio fraterno, de felicitações aos aniversariantes desse mês e, sempre que possível, de *Serenata de Coimbra*.



Aniversariantes de Março



Aniversariantes de Junho e Julho

II - FESTA DOS SANTOS POPULARES - NA "CASA DE GOA" EM LISBOA

Por motivos alheios à nossa vontade, a Festa não correu como nós desejaríamos e disso já a Direcção apresentou as suas desculpas aos que a ela com-

pareceram. No entanto, há que salientar dois aspectos francamente positivos e aos quais não podemos deixar de dar uma excelente pontuação: o **"Concurso de Quadras Populares"** e o Conjunto Musical que animou os mais resistentes a bailar até... "ser noite" (23 horas).

Ao Concurso, revelador sempre de novos valores da Poesia Nacional, concorreram 18 poetas e mais não foram porque o vento impedia a sua inspiração. O Júri, rigorosíssimo, foi constituído pelos insignes letrados: Eduíno de Jesus, Maria Antónia Dionísio e José Marcelino Moura.

O mote foi: *Hoje é dia de S. Pedro*. O Júri aceitaria também quadras não sujeitas a este mote, mas que se referissem aos Santos Populares.

E os premiados foram: Fernando Ruas (com 3 quadras premiadas "ex-quo") e Dulce Miranda (com 2 quadras premiadas).

Várias menções honrosas foram atribuídas a Dulce Miranda, R. Parreira, João-Afonso, Maria Manuela Graça e ao pseudónimo "Lumiar/2002", que não conseguimos identificar.



O Júri e os laureados

Eis as quadras mais aplaudidas:

*Hoje é dia de S. Pedro
Vou rezar-lhe com fervor
Acabe com meu segredo
Dê-me a chave do Amor.*

*No "cofre" do meu amor
A chave guardo-a bem
Oh S. Pedro, por favor
Dá-ma a mim e a mais ninguém.*

*Hoje é dia de S. Pedro
Vamos folgar e dançar
Já lá vão os outros Santos
Temos que aproveitar!*

*De Coimbra, nós viemos
Os da casa são de Goa
Só os Santos Populares
Nos juntaram em Lisboa.*

*Hoje é dia de S. Pedro
S.to António e S. João
Os três Santos Populares
Mais queridos do coração.*

*Hoje é dia de S. Pedro
Há alegria no ar
Céu azul e sol brilhante
E todos querem cantar.*

*Nesta tarde benfazeja
Juntos na Casa de Goa
É Coimbra que festeja
Os santinhos em Lisboa.*

Como vêm pela amostra, daqui à consagração nas "Grandes Literaturas" vai um passo. Para o ano há mais e melhor, esperemos.

Isabel Alexandre

III - ENCONTRO dos "CANÁRIOS"

Foi, como sempre, um reviver do ainda fresquinho Fim-de-Ano em Tenerife, em vídeo/reportagem do passeio e em artísticas fotos das quais foram seleccionadas 3 por um júri exigente.

IV - FESTA DO CARNAVAL

Lá voltámos nós ao *Altis Park Hotel* a usufruir da bela sala azul, redonda e propícia às brincadeiras e animação, sempre com o já indispensável *Conjunto Lorenzo's Combo*, o habitual buffet e o bolo de aniversário que engana os festejados.

V - CORO DOS ANTIGOS ORFEO- NISTAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - 20 ANOS A CANTAR

No dia 30 de Janeiro, no CCB, os nossos associados, em peso, aclamaram à exaustão o coro que "reincide" na qualidade de ser o mais insigne embaixador da nossa Universidade, *intra e extra muros*.

Desta feita, num espectáculo em que Coimbra esteve em palco ao som dos acordes da **Orquestra do Norte** e de mãos dadas com Lisboa, numa simbiose de estilos e culturas musicais bem expressiva de que não há supremacias ou feudos quando se trata de ajudar obras meritórias (neste caso a AMI). Foi assim que, em arranjos magistras do Augusto Mesquita (o eterno Maestro...), o **Coro** acompanhou Adriano Jordão e contou com **José Calvário, José Lobo, Luís Represas, Nuno Guerreiro, Rui Veloso e Sara Tavares**.

Repetiu-se o sortilégio em 26 de Junho, na Aula Magna, desta vez em "*Amar Timor*" e com **Rão Kyao, Paulo Gonzo, Camané, João Afonso, Nuno Guerreiro e João Pedro Pais**.

VI - 3º ANIVERSÁRIO DA AAEC NO ALTO MONDEGO - 2002

A **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego**, com sede em Gouveia, mais uma vez não deixou de comemorar com "festa rija" um "centenário" - o 3º - da sua fundação, no dia 30 de Junho p.p.

O entusiasmo da Direcção, cuja presidência está a cargo do Heitor Peixoto, muito contribuiu para resolver as dificuldades financeiras, fáceis de avaliar, e esforçar-se para proporcionar durante aquele evento, não só momentos de sã camaradagem, mas também de considerável cultura literária, musical e até de agradável humor, conforme se pode constatar através do respectivo Programa.

Tendo a nossa Direcção sido convidada e por indisponibilidade da Fátima Lencastre em nos representar, coube ao signatário tal missão que, gostosamente, cumpriu para que a nossa Associação estivesse junto dos nossos Colegas do Alto Mondego e dado ainda que o fazia pela segunda vez.

O dia festivo começou com um lauto almoço regio-

nal na residência do casal Heitor e era oferecido aos representantes de outras Associações de Antigos Estudantes de Coimbra e a outros seus Amigos. A nossa Universidade estava dignamente representada pela Senhora Vice-Reitora, Prof.^a Doutora Irene Noronha da Silveira.

Enquanto nos deliciávamos com tão gostosa refeição, desfrutávamos daquele lugar na encosta da *Estrela*, uma rica paisagem de verdes e castanhos que se espalha por longos quilómetros com aglomerados habitacionais aqui e acolá à luz de um Sol radioso... Depois de bem comidos e muito reconhecidos pelas atenções dispensadas pelos anfitriões, dirigimo-nos para a *Biblioteca Municipal*, onde ouvimos, com grande interesse, a sábia comunicação que o Prof. Doutor Aníbal de Castro, da nossa *Faculdade de Letras*, nos proporcionou no seu estilo calmo e, por vezes, humorístico sobre *GIL VICENTE - 500 ANOS*.

Sáimos sem a noção do tempo decorrido, encantados com a lição recebida e dirigimo-nos, agora, ao *Teatro Cine de Gouveia*, já com a lotação quase esgotada, para nos encantarmos com a actuação da *Orquestra de Tangos de Antigos Tunos da Universidade de Coimbra*, dirigida pelo Prof. Rui Moura Branco e cuja fama já vem de longe...

Aqueles tangos "mexiam" com todos e alguém disse: "que pena estarmos só a ouvir estes excelentes executantes"... tinha razão.

A actuação de elevado nível da *Orquestra de Tangos* foi intervalada com momentos altos de declamação e com actuações de ilusionismo de bom humor apresentadas pelo "internacional" **Jorge Condorcet**.

Nos termos da "praxe", a **Serenata de Coimbra**, a cargo do *Grupo de Fados da AATUC*, encerrou as actividades comemorativas do 3º "milénio", no Alto Mondego.

Mas, de facto, o convívio só terminou com um lanche/jantar servido num Restaurante de Gouveia. A Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Alto Mondego está de parabéns e merece, pois, o reconhecimento e apoio de todos.

Sousa Moura

VII - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- A convite do **Director da Biblioteca Nacional** e do **Magnífico Reitor**, assistimos, no dia 9 de Abril, à inauguração da Exposição "*Imprensa da Universidade de Coimbra - a História, os Homens e os Livros*", beneficiando de uma visita guiada pelo próprio Director (e nosso Colega), Prof. Doutor Carlos Reis.

- O **Elos Clube** comemorou, no dia 22 de Abril, o *Dia da Comunidade Lusíada*, no Hotel Meridian, com palestras alusivas, tendo distinguido a presidente da nossa Direcção (também sócia) com o convite para estar presente e ler a "*Oração Elista*".

- A **Casa dos Açores** em Lisboa distinguiu a nossa Associação, na pessoa da sua presidente, com um lugar de honra na comemoração das suas "Bodas de Diamante", no dia 30 de Abril, no Casino Estoril, oferecendo um programa apropriado, desde a Exposição de artistas Açorianos residentes no continente, passando pelo jantar de especialidades típicas, até ao Sarau, com projecção de curta metragem de paisagens das Ilhas, variações à guitarra sobre melodias tradicionais açoreanas por José Pracana, música e canções pelo Grupo de Cantares da Casa dos Açores do Norte, momento de nova música açoreana pela Cantora Susana Coelho e seu conjunto e, no final, a Serenata de Coimbra

- A **Associação dos Pupilos do Exército** convidou-nos para a sessão solene comemorativa do seu 70º Aniversário, no dia 1 de Junho, onde agraciou, em presença e a título póstumo, muitos dos "pilões".

- A **Casa de Goa** convidou-nos a estar presente na inauguração da Exposição biobibliográfica "*Orlando da Costa / 50 anos de vida literária*", no dia 24 de Junho, com dissertação sobre o autor e sua obra.

- A **Casa da Académica em Lisboa** mais uma vez trouxe "*Coimbra a Encantar Lisboa*", no dia 27 de Junho, no Casino Estoril, entrelaçando também "Coimbra e Lisboa num Abraço", com música e poesia; homenageando, em presença e a título póstumo, prestigiadas figuras da "*Briosa*" e terminando o sarau com a insubstituível Serenata de Coimbra. E, como sempre, estendeu a solidariedade "académica" à nossa Associação, presente em força.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

Mais uma vez vimos referir, com agrado e reconhecimento, **as ofertas feitas à Biblioteca e Arquivo** pelos nossos Sócios e Amigos, neste 1º semestre de 2002.

Foram eles:

- Natália Maia Morais, (que, além de livros, ofereceu um pequeno busto de Eça de Queirós da autoria de Carlos Antunes); Teixeira Botelho (uma pasta de luxo e vária documentação); Carlos Rocha, Carlos Carranca, Marques Vidal, Helena Cunha, Olga Reis, Renato de Figueiredo, Ernesto M. Coutinho, Ângelo de Araújo, Almeida Santos, António Santos e Silva, J. Deus Quintela, Carmen Maia (um busto de Elísio de Moura), Maria Amélia Figueiredo, Maria Teresa Maia Carrilho, Armando Rocha e Amélia de Sousa Ferreira Pinto.

Um agradecimento "nuclear" ao nosso Colega João Quintela de Brito pelo envio da revista *Radioprotecção*, da Sociedade Portuguesa de Protecção Contra Radiações, de que é Presidente.

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso, involuntário, de não os nomearmos no nosso agradecimento

Bem hajam a todos!

Em tempo: O mesmo se pede aos que gentilmente oferecem fotografias dos nossos passeios e outras actividades, além de indicarem os locais e as datas.

O Grupo “**Amigos de Lisboa**” continua promovendo conferências e visitas aos sábados e domingos, a locais da capital com grande interesse. Temos sempre os programas e, como sabes, podes participar na qualidade e condições de sócio. Informa-te na nossa SEDE ou pelo Telef. 218685711 (Palácio da Mitra). De novo, um “Curso de Iniciação à Heráldica”, em Janeiro - data limite para as inscrições: 10 de Janeiro.

A REAL REPÚBLICA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA, além da existência jurídica, começou a dar os primeiros passos.

1 - Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999, 2000, 2001 e 2002 perfazem 5000 Euros...). Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a aumentar!
E... ainda subsiste um resto da dívida ao BPI para a compra da SEDE. Quem será o Sócio que a fecha com chave de "coração de ouro"?

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 -1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@oninet

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO